



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

MARIANA MENESES SILVESTRE DE SOUSA

**O QUE VOCÊ SENTE SOBRE POLÍTICA?: A influência da percepção de ameaça
sobre a polarização afetiva no eleitorado**

Recife

2019

MARIANA MENESES SILVESTRE DE SOUSA

**O QUE VOCÊ SENTE SOBRE POLÍTICA?: A influência da percepção de ameaça
sobre a polarização afetiva no eleitorado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Área de concentração: Democracia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nara Pavão.

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S725q Sousa, Mariana Meneses Silvestre de.
O que você sente sobre política? : a influência da percepção de ameaça sobre a polarização afetiva no eleitorado / Mariana Meneses Silvestre de Sousa. – 2019.
56 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Nara Pavão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Recife, 2019.
Inclui referências e anexos.

1. Ciência Política. 2. Eleitores – Conduta. 3. Emoções. 4. Ideologia. 5. Identidade social. I. Pavão, Nara (Orientadora). II. Título.

320 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-113)

MARIANA MENESES SILVESTRE DE SOUSA

**O QUE VOCÊ SENTE SOBRE POLÍTICA?: A influência da percepção de ameaça
sobre a polarização afetiva no eleitorado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Aprovada em: 21/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Nara Pavão (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dra. Gabriela Tarouco (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Guilherme Russo (Examinador Externo)
Fundação Getúlio Vargas - SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Nara Pavão, pela orientação mais que valiosa, aos professores Dra. Gabriela Tarouco e Dr. Guilherme Russo, pelos comentários pertinentes durante a qualificação, e à profa. Dra. Mariana Batista, por toda a orientação durante os estágios iniciais dessa pesquisa, na disciplina de Seminário de Dissertação. Agradeço também aos meus amigos e colegas de turma Daniel Sampaio, Karla Salazar e Lilian Carvalho, que me auxiliaram de diversas formas ao longo do desenvolvimento deste trabalho. A todos, o meu muito obrigada.

We do not, after all, engage in politics simply as partisans or even as ideologues. We engage in politics as members of racial, religious, and other political groups. All of these, and their relationships with our parties, come with emotional baggage (MASON, 2016, p. 353).

RESUMO

Pessoas que se sentem ameaçadas são mais polarizadas afetivamente em relação a grupos de indivíduos definidos politicamente? Estudos anteriores mostraram uma relação entre a percepção de ameaça imposta por um grupo sobre o desenvolvimento de sentimentos de etnocentrismo e discriminação em relação a ele. Mas a mudança no comportamento do indivíduo se limita ao grupo ameaçador, ou situações de risco impactam sobre a relação do indivíduo com outros grupos, ao promover um comportamento de busca por segurança? Através dos dados do *Latin American Public Opinion Project*, coletados em 2017 no Brasil, não foi possível sustentar empiricamente o argumento de que a percepção de ameaça leva a um aumento da polarização afetiva em relação a variados grupos definidos politicamente. Os dados disponíveis impõem limitações quanto à mensuração do conceito de ameaça, tornando esses resultados frágeis. Apesar disso, essa pesquisa inova por ser a primeira a oferecer perfis com características individuais relacionadas à polarização afetiva no Brasil e superar a discussão partidária no âmbito da polarização afetiva. Adicionalmente, de forma contrária ao que defende parte da literatura de Ciência Política, nossos achados mostram que ideologia não é uma explicação suficiente para a polarização afetiva no país.

Palavras-chave: Afeto negativo. Partidarismo negativo. Teoria da identidade social.

ABSTRACT

Are people who feel threatened more affectively polarized towards politically defined groups? Studies show a relation between the perception of threat imposed by a group and the development of ethnocentric and discriminatory feelings towards it. But is this change in behavior limited to the threatening group, or situations of risk impact on the relations we have towards other groups, by stimulating the seek for security? Data from the Latin American Public Opinion Project, collected in 2017 in Brazil, do not offer empirical support for the argument that perception of threat increases affective polarization towards various politically defined groups. Our available data impose limitations when measuring the concept of threat, rendering our results fragile. Despite of that, this research innovates for it is the first to offer profiles with individual characteristics related to affective polarization in Brazil, besides overcoming the usual limited focus on political parties. Additionally, contrary to what more than a few studies argue, our findings show that ideology is not a sufficient explanation for the phenomenon of affective polarization in the country.

Keywords: Negative affect. Negative partisanship. Social identity theory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TEORIA	12
2.1	POLARIZAÇÃO AFETIVA	12
2.2	ARGUMENTO CENTRAL	16
2.3	HIPÓTESES	22
3	DADOS E MÉTODOS	23
3.1	DADOS	23
3.2	MÉTODOS	27
4	RESULTADOS	29
4.1	ESTATÍSTICA DESCRITIVA	29
4.2	TESTES DE HIPÓTESES	33
4.2.1	Grupo 1 – Pessoas que são a favor da legalização do aborto.....	33
4.2.2	Grupo 2 – Pessoas que são a favor do regime militar	35
4.2.3	Grupo 3 – Comunistas.....	37
4.2.4	Grupo 4 – Petistas e simpatizantes do PT	39
4.2.5	Grupo 5 – Psdbistas e simpatizantes do PSDB	41
4.2.6	Discussão geral.....	43
5	CONCLUSÃO.....	46
	REFERÊNCIAS	50
	ANEXO A - Quadro I: Perguntas utilizadas na análise preliminar de correlação	53
	ANEXO B - Tabela I: Correlações entre as perguntas do Quadro 3	54

1 INTRODUÇÃO

Durante as grandes manifestações políticas de rua de 2013 e 2015 no Brasil, a presença de bandeiras reivindicando um “fora todos” representava uma expressão de descrédito de parcela da população na classe política, e o “ódio politizado”¹ de eleitores que se posicionavam como “anti” um, vários ou todos os partidos foi largamente expressado nos protestos e nas redes sociais. A polarização entre manifestantes pró e anti-PT em 2013 e 2015² chegou ao Planalto, quando, durante o julgamento do *impeachment* de Dilma Rousseff, houve a separação física dos manifestantes favoráveis e contrários à saída da Presidente pela polícia federal, visando impedir conflitos violentos³. Dados do *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP, 2017), além disso, revelaram uma alta rejeição entre o eleitorado aos principais partidos políticos no país. Ao serem perguntadas o quanto gostam ou desgostam de pessoas que se identificam com o PT e com o PSDB, em uma escala de 1 a 10, 42,7% das entrevistadas expressaram forte rejeição a petistas e 44,6% a psdbistas. Isso é, sobremaneira, importante em análises eleitorais, uma vez que é cada vez maior a parcela do eleitorado que define seu voto em protesto, com base em um partido ao qual se é contrário (MELÉNDEZ, 2018⁴).

Esse fenômeno, referido como partidarismo negativo, tem ganhado importância em face à constatação de que é cada vez mais comum eleitoras que têm sentimentos mais fortemente negativos pelo partido oposto que positivos pelo próprio partido (ABRAMOWITZ; WEBSTER, 2016). A animosidade em relação a grupos políticos entre o eleitorado brasileiro, no entanto, não se limita aos partidos. Ao todo, foram cinco grupos sobre os quais as entrevistadas responderam ao LAPOP o quanto gostavam ou desgostavam. Além de petistas e psdbistas, elas foram perguntadas sobre pessoas que são a favor da legalização do aborto, pessoas que defendem o regime militar e comunistas. E as respostas para esses grupos também revelam altos níveis de polarização afetiva. Utilizando a mesma escala, 57,2% das entrevistadas expressaram forte rejeição em relação a pessoas a favor da legalização do aborto, enquanto 51,2% atribuíram essa mesma desaprovação a comunistas. Para o grupo de pessoas que

¹ MELÉNDEZ, Carlos. Petismo e antipetismo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/petismo-e-antipetismo/>. Acessado em 18 de junho de 2018.

² BUENO, Natália. Quem protesta no Brasil? Comparação entre 20 de junho de 2013, 13 e 15 de março de 2015 e a população. Disponível em: <https://sociaisemethods.wordpress.com/2015/03/21/quem-protesta-no-brasil-comparacao-entre-20-de-junho-de-2013-13-e-15-de-marco-de-2015-e-a-populacao/> - Acessado em 20 de junho de 2018.

³ PASSARINHO, Natália. Partidos brasileiros são mais do mesmo e poderiam ser reduzidos a 2, aponta pesquisa de Oxford. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43288018> - Acessado em 20 de junho de 2018.

⁴ MELÉNDEZ, Carlos. Petismo e antipetismo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/petismo-e-antipetismo/>. Acessado em 18 de junho de 2018.

defendem o regime militar, as opiniões foram mais divididas, mas ainda assim houve 29,9% de forte rejeição a esse grupo.

Mas o que explica um nível assim elevado de ódio ou rejeição a grupos politicamente definidos entre o eleitorado? Em contextos de percebida ameaça, a menção a grupos desencadeia emoções que aumentam a sua percepção de risco e a necessidade de segurança. A busca do indivíduo pela autopreservação fortalece seus laços identitários, enquanto cresce sua percepção de um ambiente polarizado entre o eu e o outro. Os indivíduos desenvolveriam sentimentos mais fortes de etnocentrismo e discriminação em relação aos grupos, independentemente de quão relacionados eles estejam à ameaça. Assim, o presente estudo antecipa que situações onde o indivíduo se sente ameaçado levam a um aumento da polarização afetiva em relação a diversos grupos. Essa expectativa se deve a que contextos de ameaça desencadeiam emoções responsáveis por aumentar a necessidade de isolamento do indivíduo, fortalecendo seus laços identitários e, conseqüentemente, maior etnocentrismo em relação a grupos do qual o indivíduo participa e discriminação em relação aos grupos com os quais ele não se identifica.

Para testar as hipóteses derivadas do nosso argumento, utilizamos os dados do Barômetro das Américas 2017, *survey* realizado pelo *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP) em 34 países das Américas do Norte, Central e do Sul. Na ausência de variáveis que mensurassem diretamente o conceito desenvolvido na teoria do presente estudo, a percepção de ameaça foi mensurada através de dois índices, que avaliam, separadamente, o efeito da percepção de risco econômico e físico. A polarização, por sua vez, é operacionalizada de duas formas: enquanto polarização em módulo (distância do centro) e polarização negativa (afeto negativo). Para cada um dos cinco grupos analisados, portanto, são gerados quatro modelos, com a inclusão de controles sociodemográficos e políticos.

Os resultados mostraram que nosso argumento não parece se sustentar empiricamente para o caso estudado. Em alguns modelos foi possível enxergar efeitos significantes, mas, porque foram exceção, esses resultados nos levam a crer que há outras explicações, que não a que oferecemos, para a relação encontrada. Apesar disso, a direção do efeito seguiu, em geral, a expectativa teórica: um aumento na percepção de ameaça esteve quase sempre relacionado a um aumento na polarização afetiva entre os grupos. Porque, através dos dados disponíveis, não pudemos eficazmente mensurar a percepção de ameaça, nossos resultados empíricos devem ser avaliados de forma cautelosa. Este trabalho é, contudo, o primeiro a oferecer perfis com características individuais relacionadas a atitudes mais radicais e radicalmente negativas em relação a grupos definidos politicamente no Brasil. Dentre nossos

principais achados, destaca-se o papel da ideologia: apesar de grande parte da literatura de Ciência Política defender que a polarização entre o eleitorado deriva da crescente polarização ideológica das elites (WEBSTER; ABRAMOWITZ, 2017; ROGOWSKI; SUTHERLAND, 2016), nossos resultados indicaram que esse não parece ser o caso no Brasil.

Indivíduos se polarizam pensando o quanto gostam, desgostam ou se identificam com grupos, de modo que, cada vez mais, pesquisas na área de Opinião Pública têm tirado o foco da polarização ideológica (esquerda-direita) ou política-atitudinal, mirando em algo mais básico: sentimentos de afinidade e rejeição a grupos, em uma mensuração da polarização afetiva, e não mais cognitiva. Essa seria uma forma mais eficaz de investigar a questão, uma vez que é mais fácil, para o cidadão comum, expressar sentimentos que opiniões em relação à política (HETHERINGTON; LONG; RUDOLPH, 2016). Os esforços em compreender o fenômeno da polarização afetiva se debruçam, majoritariamente, sobre o partidarismo negativo, essencialmente afeto negativo em relação a partidos. No presente estudo, expandimos essa análise para outros grupos politicamente definidos, buscando avaliar o efeito da percepção de ameaça sobre a polarização afetiva em relação a diferentes grupos. As pesquisas que investigam esse fenômeno enquanto consequência da percepção de risco se limitam ao grupo diretamente relacionado à ameaça em questão, mas pouco se sabe sobre como as alterações emocionais geradas pelo contexto impactam sobre a avaliação de outros grupos. Esperamos, adicionalmente, contribuir para a literatura de Ciência Política ao trazer o foco para o caso brasileiro, em um cenário de crise política e alta polarização afetiva entre a população.

Os capítulos seguintes apresentam a base teórica do argumento e das hipóteses testadas, bem como a metodologia empregada, os principais achados da pesquisa e, por fim, as conclusões e sugestões para futuras agendas de pesquisa.

2 TEORIA

O conflito entre grupos é um tema há muito tempo estudado na Psicologia Social e que tem grandes desdobramentos políticos na sociedade. A rejeição que se tem a um partido político, hoje, tem se mostrado quase ou tão mais importante que a afeição que se tem pelo próprio partido na hora de decidir em quem votar – fenômeno conhecido como partidarismo negativo (ABRAMOWITZ; WEBSTER, 2016). Os sentimentos que as pessoas têm em relação a grupos políticos, além disso, virou foco de pesquisas na Ciência Política uma vez que essas variáveis apresentam menos requisitos cognitivos – e a defesa da capacidade das massas de se polarizarem ganhou novos fôlegos devido a esses esforços (HETHERINGTON; LONG; RUDOLPH, 2016). Neste capítulo, apresentamos o argumento central da presente pesquisa e discutimos o mecanismo por trás da relação esperada entre percepção de ameaça e polarização afetiva no eleitorado.

2.1 POLARIZAÇÃO AFETIVA

A polarização das massas é um tema largamente debatido na Ciência Política e o foco desse debate esteve, por muito tempo, em saber se a polarização ideológica ou político-atitudinal⁵ das elites políticas leva à polarização do eleitorado. De um lado, autores como Abramowitz e Saunders (2008), Hetherington (2009) e Jacobson (2012) argumentam que as massas podem passar por um processo de polarização devido à sua identificação ideológica a partidos cada vez mais polarizados (HILL; TAUSANOVITCH, 2016). De outro, argumenta-se que as evidências apresentadas pelos primeiros não são suficientes para configurar um processo de polarização. Isso se daria porque a polarização partidária não implicaria em polarização das atitudes entre o público, que não é suficientemente informado e interessado em política para construir atitudes fortes (CONVERSE, 1964; FIORINA; ABRAMS, 2008; HETHERINGTON, 2009; CARMINES; ENSLEY; WAGNER, 2012).

Aliada a esse impasse está a constatação de que o instrumento utilizado recorrentemente para mensurar a polarização entre o eleitorado – o *survey* – encontra uma barreira nesse tipo de pesquisa: a tendência das respostas ao centro da escala. Isso porque, enquanto indivíduos mal informados tendem ao meio por não compreenderem profundamente as duas alternativas extremas, os politicamente sofisticados também hesitam em se rotular como

⁵ Usamos o termo polarização político-atitudinal para nos referir aos trabalhos que investigam polarização na opinião pública em torno de temas ou questões políticas (no inglês, *issue polarization* ou, ainda, *policy polarization*).

extremistas ou radicais, porque isso muitas vezes é visto como socialmente indesejável (HETHERINGTON; LONG; RUDOLPH, 2016). Uma saída que tem sido perseguida na literatura é, portanto, tirar o foco da polarização ideológica e/ou político-atitudinal, mirando em algo mais básico: sentimentos de afinidade e rejeição a grupos, em uma mensuração da polarização afetiva. Essa seria uma forma mais eficaz de atacar o problema, uma vez que é mais fácil, para o cidadão comum, expressar sentimentos que opiniões em relação à política (HETHERINGTON; LONG; RUDOLPH, 2016).

A rejeição a grupos definidos politicamente é estimulada através de campanhas negativas, que têm prevalecido durante competições eleitorais (IYENGAR; WESTWOOD, 2015; WEBSTER; ABRAMOWITZ, 2017). Assim, o crescimento de animosidades entre o eleitorado tem sido investigado por uma crescente literatura que se debruça sobre a polarização afetiva, fenômeno que tem consequências diretas sobre o funcionamento dos sistemas políticos. O surgimento do partidarismo negativo – essencialmente afeto negativo direcionado a partidos políticos –, por exemplo, é relacionado a um aumento substancial na lealdade partidária e a uma maior conexão entre resultados de eleições presidenciais, legislativas e locais (ABRAMOWITZ; WEBSTER, 2016). Apesar disso, a polarização afetiva também foi relacionada a problemas para o pluralismo na política democrática, afetando a qualidade e a quantidade das políticas públicas (LEVENDUSKY, 2017), além de reduzir a confiança no governo quando o “outro lado” está no poder (HETHERINGTON; RUDOLPH, 2015; LELKES, 2016; LEVENDUSKY, 2017). Então, ainda que a polarização possa se relacionar ao aumento no ativismo e interesse por política (HUDDY; MASON; AAROE, 2015), seus efeitos parecem ser majoritariamente negativos para o funcionamento das instituições políticas (LEVENDUSKY, 2017; MASON, 2016).

A expansão do foco de como as pessoas pensam sobre política para também como se sentem em relação a ela pode ser enxergada como uma tendência recente na Ciência Política, sendo a maior parte dos estudos existentes atualmente limitados à análise do caso estadunidense. No presente trabalho, trazemos a atenção para o Brasil. Conforme discutido no capítulo introdutório, o país tem passado por um momento político conturbado, em especial, nos últimos cinco anos. Esse tem sido um processo que, com raízes na crise financeira internacional de 2008, teve como possível marco inicial as manifestações de 2013, seguido de um pleito presidencial competitivo em 2014, levando às manifestações de 2015, ao *impeachment* em 2016 e às eleições de 2018, trazendo indicações de uma aparente polarização do eleitorado – em especial, uma polarização de caráter afetivo ao redor do antipetismo. Mas pouco se conhece, cientificamente, sobre se de fato existe uma polarização afetiva no eleitorado

brasileiro e, em caso positivo, em que parcelas da população ela está mais pronunciada e a que causas se deve esse fenômeno.

Polarização pode ser entendida como processo ou estado. A polarização afetiva, em particular, é recorrentemente mensurada na literatura através de “termômetros de afeto”⁶, escalas utilizadas para mensurar o quanto entrevistadas gostam ou desgostam de cada partido político, ou através de medidas do quão disposto estaria o indivíduo em aceitar partidários do partido oposto no seu círculo familiar mais próximo (IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012; LELKES, 2016). Na presente pesquisa, empregamos a definição de polarização como estado. Em específico, a polarização afetiva é entendida como a distância das respostas do centro da escala utilizada para mensurar o afeto em relação a distintos grupos definidos politicamente. Nos próximos capítulos, utilizamos o termo polarização em módulo para nos referir a essa definição. Empregamos, além disso, uma segunda forma de operacionalização das variáveis dependentes, que chamamos de polarização negativa. Enquanto a polarização em módulo é mensurada apenas como a distância (em módulo) das respostas ao centro da escala, a polarização negativa é, em suma, o afeto negativo, ou a rejeição que as entrevistadas têm em relação ao grupo analisado. Essa segunda forma de operacionalização permite avaliarmos o quanto da polarização total (em módulo) é explicada pelo afeto negativo, ou seja, o quanto do radicalismo que pode ser observado nas atitudes é negativo, expressando sentimentos de rejeição em relação aos grupos investigados.

Trabalhos que investigaram as causas da polarização afetiva tenderam a empregar uma definição mais restrita, enxergando a polarização afetiva como a rejeição a um partido ou candidato político (LEVENDUSKY, 2017; IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012; MASON, 2016), aliada ao favoritismo em relação ao próprio partido ou candidato (IYENGAR; WESTWOOD, 2015). Em alguns casos – em especial, porque a maioria dos estudos se debruça sobre o caso dos EUA, cujo sistema é bipartidário –, a polarização afetiva aparece definida como hostilidade entre partidários de partidos opostos (LELKES, 2016). O conceito, porém, pode ser estendido a outros grupos politicamente definidos. Cada indivíduo possui um conjunto de identidades, construídas a partir do seu pertencimento a grupos, e os partidos representam apenas uma delas. A citação de Mason (2016), referida na epígrafe do presente trabalho, é ilustrativa: *“We do not, after all, engage in politics simply as partisans or even as ideologues. We engage in politics as members of racial, religious, and other political groups. All of these, and their relationships with our parties, come with emotional baggage”* (p. 353). Nossa

⁶ Tradução livre. Do inglês “*feeling thermometers*”.

pesquisa inova não apenas ao propor a análise do caso brasileiro, mas também ao expandir a aplicação do conceito de polarização afetiva a outros grupos politicamente definidos, com o objetivo de superar a discussão partidária.

Assim, a polarização afetiva é analisada, no presente trabalho, através da utilização de escalas que mensuram o afeto em relação a grupos distintos. As entrevistadas do LAPOP (2017) responderam o quanto gostavam ou desgostavam de cinco grupos: (1) pessoas que defendem a legalização do aborto; (2) pessoas que defendem o regime militar; (3) comunistas; (4) petistas ou simpatizantes do PT; e (5) psdbistas, ou simpatizantes do PSDB. É importante notar que a pergunta é feita especificamente sobre (a) o afeto que as pessoas têm pelos grupos e (b) em relação a grupos de pessoas que defendem essa pauta, e não o quanto elas mesmas concordam ou não com a pauta em si. Essa é uma distinção importante, que separa a mensuração de polarização ideológica de polarização afetiva. Ainda que ambos os processos possam estar conectados – ou seja, não se espera que alguém fortemente contra o regime militar expresse grande afeto por pessoas que o defendam –, o que se investiga através da polarização afetiva são os sentimentos em relação às pessoas.

A variável dependente 1 possibilita a mensuração de uma polarização afetiva que se relaciona a uma pauta liberal progressista. No caso da variável 2, é mensurada a polarização afetiva em relação a pessoas que defendem o regime militar, que pode ser entendida como uma pauta conservadora. Por fim, a variável 3 mensura como as entrevistadas se sentem em relação a comunistas. Novamente, não decorre necessariamente que a intensidade da rejeição às defensoras de temas como liberalização do aborto, regime militar ou comunismo esteja atrelada ao nível de discordância em relação às pautas em si. Um dos motivos para isso, conforme discutimos na seção seguinte, é que as pessoas podem ter sentimentos em relação a grupos sem necessariamente possuir um conhecimento amplo sobre os temas que os definem. Outra possibilidade, ainda, é que indivíduos tenham conhecimentos sobre determinada pauta, possuam uma opinião sólida, mas não expressem sentimentos de rejeição por pessoas de pensamento contrário. Apesar de ser esperado que proximidade ideológica ao comunismo, por exemplo, impacte sobre como as entrevistadas percebem esse grupo, como nos casos anteriores, a expectativa teórica é de que ideologia não seja uma explicação suficiente para a rejeição ou aceitação a esse grupo. Desse modo, pelo menos à priori, não se pode esperar, por exemplo, que pessoas completamente contrárias ao regime militar apresentem níveis elevados de afeto negativo com relação ao grupo de defensores. Por fim, as variáveis 4 e 5 dizem respeito às atitudes em relação aos dois maiores partidos no país e permitem mensurar a polarização afetiva

partidária, de forma análoga à maioria dos trabalhos sobre polarização afetiva, conforme discutido anteriormente.

2.2 ARGUMENTO CENTRAL

Pesquisas que buscaram compreender o afeto em relação a grupos ofereceram evidências do efeito de diferentes variáveis. O papel da mídia, em especial, tem sido bastante investigado. Sabe-se, por exemplo, que a exposição a campanhas negativas aumenta o partidarismo negativo (IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012; LAU ET AL, 2016) e que o consumo de mídias parciais fortalece a conexão com o seu partido e a rejeição do outro (BERNHARDT; KRASA; POLBORN, 2008). O próprio ato de se identificar com um partido aumenta a polarização afetiva (IYENGAR; WESTWOOD, 2015), e a mídia, ao veicular informações sobre uma elite polarizada, faz com que as pessoas tendam a enxergar o eleitorado como polarizado e, assim, fortalecerem seus laços com seus partidos, aumentando o afeto negativo pelo partido oposto (LEVENDUSKY; MALHOTRA, 2015).

Cada indivíduo possui um conjunto de identidades sociais, que decorrem da filiação a diferentes grupos, e o comportamento humano, dentre outros fatores, é influenciado por como essas identidades se somam e se relacionam, bem como pela influência do contexto sobre a força e a relevância de cada uma delas. Diversos estudos têm destacado o papel das identidades sobre a radicalização dos sentimentos que expressamos em relação a grupos. A semelhança percebida pelo indivíduo entre os grupos opostos e a saliência do tema que define a categoria social em questão se relacionam a atitudes negativas em relação aos grupos (ZÁRATE; GARCIA; GARZA; HITLAN, 2004). Além disso, quanto mais alinhadas as identidades sociais de um indivíduo em torno de um partido, maior a distinção percebida entre o seu partido e o partido opositor, o que leva a um aumento da polarização afetiva partidária (MASON, 2016). Em casos, por outro lado, onde as identidades não estão alinhadas, *priming* identidades em comum entre o indivíduo e um candidato de um partido competidor parece ser capaz de reduzir a polarização afetiva (LEVENDUSKY, 2017). Ou seja, quando características que permitem a identificação do indivíduo com um grupo de fora são evidenciadas, a rejeição a este grupo tende a ser menor.

Essa noção de que se perceber enquanto semelhante ao outro reduz o afeto negativo em relação a um grupo é relevante ao se discutir polarização afetiva porque as explicações para esse fenômeno estão fundamentadas, majoritariamente, na teoria da identidade social (T.I.S.) (IYENGAR; WESTWOOD, 2015; LAU ET AL, 2016; MASON, 2016; LEVENDUSKY, 2017). Ainda que esses estudos apontem causas diferentes para a polarização afetiva, os

mecanismos defendidos têm a mesma base: os indivíduos tendem a expressar maior rejeição por um partido ou candidato político quanto menos conseguirem se identificar com ele. Mas este não é um consenso. Um conjunto de acadêmicos defende que a polarização no eleitorado, mesmo com características afetivas, está relacionada a um crescimento da polarização ideológica e/ou político-attitudinal (WEBSTER; ABRAMOWITZ, 2017; ROGOWSKI; SUTHERLAND, 2016). As respostas emocionais dos eleitores teriam uma raiz racional, mais precisamente ideológica, de discordância em preferências em relação a políticas específicas (WEBSTER; ABRAMOWITZ, 2017). As conclusões de Rogowski e Sutherland (2015), contudo, não se afastam completamente daquelas dadas pelos defensores da T.I.S. Os autores constatarem que quando indivíduos recebem informações sobre o pertencimento de candidatos a outros grupos, como de características biográficas e não relacionadas apenas à ideologia, a polarização afetiva tende a diminuir. Apesar de os autores argumentarem que isso se dá porque é reduzido o impacto da ideologia, outros estudos indicam que a polarização afetiva não se relaciona necessariamente à polarização ideológica ou político-attitudinal entre o eleitorado (IYENGAR; SOOD; LELKES, 2012; WEBSTER; ABRAMOWITZ, 2017).

O processo de formulação de uma identidade social, a partir do pertencimento a um grupo, relaciona-se ao desenvolvimento de favoritismo ou etnocentrismo em relação ao grupo do qual se faz parte, bem como discriminação em relação ao grupo de fora, ou competidor (TAJFEL; TURNER, 1979; IYENGAR; WESTWOOD, 2015; MASON, 2016; LEVENDUSKY, 2017). Espera-se, portanto, que fatores que sejam capazes de aumentar a força ou saliência das identidades possam gerar atitudes mais radicais em relação a grupos, ou seja, maior polarização afetiva. Na presente pesquisa, investigamos o efeito da percepção de ameaça sobre a polarização afetiva. Sabe-se que cenários de percebida ameaça aos recursos ou ao *status* de um grupo aumentam a intolerância e o preconceito em relação ao grupo ameaçador (HUDDY; FELDMAN; TABER; LAHAV, 2005). Ou seja, a percepção de ameaça é capaz de gerar atitudes mais radicais em relação aos grupos que se relacionam diretamente à ameaça, como a maior rejeição a grupos de imigrantes relacionados a problemas na oferta de emprego em alguns países (SNIDERMAN; HAGENDOORN; PRIOR, 2004). Mas esse efeito é realmente direcional? Em outras palavras, o indivíduo que se sente ameaçado tenderá a expressar sentimentos mais radicais apenas pelos grupos que se relacionam diretamente à ameaça em questão?

A ameaça atua sobre a formulação de atitudes em relação a grupos através de mecanismos não apenas cognitivos, mas também emocionais. Um exemplo disso é a ameaça em termos físicos. O medo de ser vítima de um crime pode causar diversos sentimentos

negativos no indivíduo, como raiva, frustração, sentimentos de violação e vulnerabilidade, que podem levar a um estado de alta ansiedade, queda na confiança interpessoal e insatisfação com a vida, gerando mudanças no comportamento (DORAN; BURGESS, 2012). Outro caso é a ameaça cultural, como na questão da imigração. A menção a grupos de imigrantes, nesses casos, desencadeia ansiedade e, quando o indivíduo se torna mais ansioso devido a percepções de ameaça, aumentam suas chances de mudanças de opinião (BRADER; VALENTINO; SURHAY, 2008). Por fim, há a ameaça em termos de segurança econômica. Períodos de declínio econômico ou ascensão do desemprego foram relacionados, na literatura, ao fortalecimento de políticas e governos autoritários, bem como xenofobia e rejeição a minorias étnicas (HUDDY; FELDMAN; TABER; LAHAV, 2005).

Sabemos, portanto, que o indivíduo que se sente ameaçado por um grupo irá reagir de forma a desenvolver e expressar sentimentos negativos e de rejeição pelo grupo ameaçador, ou por grupos que ele acredite que se relacionem de alguma forma à ameaça em questão (BUTZ; YOGESWARAN, 2011). Mas a percepção de ameaça também parece atuar de forma indireta sobre a polarização afetiva, ao fortalecer os laços identitários. E isso parece acontecer de, pelo menos, duas formas: (1) a partir do impacto na autoestima do indivíduo; e (2) aumentando seus níveis de ansiedade. Esses mecanismos são detalhados a seguir.

Segundo a T.I.S., a ligação entre (a) a identificação com um grupo, (b) a percepção da existência de um grupo opositor ao seu e (c) o desenvolvimento de sentimentos etnocêntricos pelo próprio grupo e discriminatórios pelo outro tem uma raiz na busca contínua do indivíduo pela manutenção ou elevação da sua autoestima (TAJFEL; TURNER, 1979). Pode-se dizer, de forma mais direta, inclusive, que a identificação com grupos é uma fonte de autoestima (MOSKALENKO; MCCAULEY; ROZIN, 2006). O ato de classificar, através da criação de categorias ou grupos, serve a um propósito de diferenciação na sociedade. Assim, nessa perspectiva, as pessoas estariam em uma busca constante pela manutenção ou pela elevação da sua autoestima, através da busca por identidades sociais positivas (TAJFEL; TURNER, 1979). Ser negro implica em não ser branco, ser rico implica em não ser pobre, e ser petista implica em não ser psdbista. Entender-se a partir do que não se é está intrinsecamente conectado à necessidade de distanciamento de características ou estereótipos que são enxergados pelo indivíduo como imbuídos de conotações negativas.

A ameaça, portanto, à autoestima pode ser capaz de aumentar a força dos laços identitários, em particular, em relação a grupos cuja membresia seja enxergada pelo indivíduo como relacionada a um aumento no seu *status* social e, portanto, autoestima (MOSKALENKO; MCCAULEY; ROZIN, 2006). Essa ameaça à autoestima não precisa ser direta, contudo. Em

sua pesquisa, Moskalenko, McCauley e Rozin (2006) analisaram o impacto dos ataques às torres gêmeas, nos EUA, enquanto golpe na autoestima dos estadunidenses e suas consequências sobre as identidades sociais dos indivíduos entrevistados. A ideia por trás disso é de que se tornar alvo de crimes de ódio e terrorismo está relacionado a uma imagem negativa do seu grupo. Mas outros tipos de ameaça, como a ameaça econômica, podem analogamente ser entendidas como capazes de interferir na autoestima do indivíduo, quando esse avalia sua situação econômica de forma negativa, ou não enxerga possibilidades de melhoria. Além disso, o próprio etnocentrismo em relação aos grupos dos quais se participa, aliado à discriminação aos grupos de fora, são relacionados, na literatura, a um aumento na autoestima do indivíduo por si só (MOSKALENKO; MCCAULEY; ROZIN, 2006).

Outra forma que a ameaça parece ter de influenciar os laços identitários se relaciona à ansiedade causada no indivíduo. Contextos de ameaça são potenciais gatilhos para a ansiedade, que, por sua vez, impacta negativamente a capacidade cognitiva do indivíduo, aumentando sua percepção de risco, uma vez que o indivíduo passa a ter uma sensação de incerteza e falta de controle sobre a situação (HUDDY; FELDMAN; TABER; LAHAV, 2005). A menção a grupos pode ter um papel fundamental em desencadear a ansiedade em indivíduos confrontados com situações de ameaça, aumentando a discriminação em relação a grupos com os quais não se identifique – ou seja, o afeto negativo. Isso porque, em tais casos, as pessoas tendem a querer evitar o risco e a se isolar, buscando proteger-se (HUDDY; FELDMAN; TABER; LAHAV, 2005), e esse comportamento se relaciona a um aumento da desconfiança nos outros (DORAN; BURGESS, 2012). O indivíduo que sente que perdeu ou que pode perder o controle sobre a situação tende a aumentar a força de seus laços identitários, em uma busca por reaver esse controle, ou sentir-se seguro novamente (MOSKALENKO; MCCAULEY; ROZIN, 2006).

Em ambos os casos – quando a ameaça gera maior força das identidades sociais através de ameaças à autoestima ou pelo desencadeamento de ansiedade –, estamos falando sobre como indivíduos que se sentem vulneráveis tendem a buscar uma sensação de segurança e maior estabilidade psicológica. É por isso que a ameaça é relacionada ao desenvolvimento de atitudes mais conservadoras, além de aumentar a convicção do indivíduo, através de atitudes políticas mais fortes (NAIL ET AL, 2009). O efeito que Nail et al (2009) encontraram, além disso, não foi direcional, isso é, as atitudes dos sujeitos analisados mudaram em uma direção a privilegiar a segurança mesmo em temas não relacionados diretamente à ameaça em questão. Essa ausência de limitação ou direcionalidade do efeito faz sentido precisamente porque não estamos falando de mecanismos cognitivos, mas sim majoritariamente emocionais. Desse

modo, a reação dos indivíduos à percepção de ameaça não se relaciona exclusivamente – ou, sequer, necessariamente – a comportamentos racionais de gerenciamento de risco.

Esse é um ponto crucial do argumento desenvolvido até aqui. Sabemos, por todo o exposto, que as identidades sociais estão atreladas ao desenvolvimento de etnocentrismo em relação aos grupos dos quais se participa e discriminação em relação a grupos de fora. A identificação e a menção aos grupos fazem com que os indivíduos percebam o mundo de forma dicotômica, dividido entre aqueles que também participam do seu grupo e aqueles que estão de fora dele. Assim, mesmo em cenários onde não há uma disputa por um recurso escasso, o conflito entre grupos deverá ser evidenciado, pois sentimentos negativos pelo outro decorreriam do pertencimento aos grupos sociais (TAJFEL; TURNER, 1979; MASON, 2016).

Porque os indivíduos sempre estão buscando uma identidade social positiva – e como isso só é possível em um sistema onde haja identidades negativas – os grupos estão sempre tentando se diferenciar uns dos outros (especificamente, de modo a acentuar os aspectos onde seu grupo seja mais bem avaliado que o grupo de fora). Essa busca por diferenciação é, portanto, competitiva, e independe da existência de conflitos objetivos (ou realísticos) por recursos. O *status* do grupo é um fator que influencia a identidade social, e o conflito social intergrupo surge a partir dos processos de identificação (TAJFEL; TURNER, 1979). Desse modo, o conflito não surge pela disputa pelo *status* do grupo enquanto recurso, mas pela busca de uma identidade social positiva. Para uma competição intergrupo nesses termos é, portanto, suficiente que o grupo perceba a existência de outro grupo que a ele se contraponha ou do qual se diferencie. Em tais casos, decorre naturalmente um favoritismo dentro do grupo que, como discutido anteriormente, está atrelado a uma discriminação em relação ao grupo de fora e seus membros (TAJFEL; TURNER, 1979).

Se a percepção de ameaça é capaz de aumentar a força de laços identitários, espera-se que ela seja capaz de aumentar a força do etnocentrismo e da discriminação em relação aos grupos, levando a um quadro de polarização afetiva. Assim, embora a percepção de ameaça leve ao desenvolvimento ou fortalecimento de sentimentos negativos pelo grupo ameaçador, parece também haver um efeito indireto, capaz de levar ao fortalecimento de sentimentos etnocêntricos e discriminatórios também por grupos não relacionados necessariamente à ameaça em questão. Isso porque a ameaça parece ser capaz de fortalecer laços identitários, tornando mais extremas as atitudes em relações a grupos diversos. Portanto, o argumento central da presente pesquisa é o de que a percepção de ameaça pode ser capaz de gerar um quadro de polarização afetiva em relação a grupos diversos.

Das três principais dimensões de risco mais recorrentemente consideradas na literatura, o foco da presente pesquisa está na percepção de ameaça econômica e física. Sniderman, Hagendoorn e Prior (2004) se debruçam sobre o caso da Holanda, onde a situação econômica não apresenta grandes problemas para a população como um todo (SNIDERMAN; HAGENDOORN; PRIOR, 2004). Como a preocupação com ameaças econômicas impostas por grupos específicos depende do contexto econômico (SNIDERMAN; HAGENDOORN; PRIOR, 2004), os autores não incorporam essa dimensão em sua pesquisa. Apesar disso, a questão cultural é saliente no contexto holandês, onde grupos de imigrantes são facilmente identificados através de características, como cor da pele, vestimentas e língua, o que faz com que sua pesquisa se baseie nessa dimensão (SNIDERMAN; HAGENDOORN; PRIOR, 2004). Esse não é o mesmo cenário encontrado no Brasil. A situação econômica pós-crise, aliada ao alto nível de desigualdade social⁷, e os elevados índices de violência⁸ tornam as dimensões de risco econômico e físico mais salientes que a questão cultural. No Brasil, não há nenhum grande movimento de imigração⁹ e, dada a variedade de fenótipos encontrados no país, a diferenciação de grupos externos é menos acentuada que em contextos como o holandês.

Assim, no presente estudo, são utilizadas perguntas de *survey* que avaliam a percepção da situação econômica do indivíduo e do país, além do nível de insegurança física cotidiana em relação a crimes e o medo de ser vítima de homicídio. É importante deixar claro que há uma distinção entre os efeitos da percepção de ameaça e de experiências negativas passadas. Espera-se, contudo, que ambas estejam fortemente correlacionadas, isso porque a experiência direta negativa aumenta a ansiedade diretamente, mas também indiretamente, ao

⁷ O índice de Gini do Brasil, em 2015, foi de 51,3. Esse índice mede o grau de concentração de renda em um grupo e varia entre 0 e 1 (ou 0 e 100). Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI?locations=BR> – Acessado em 03 de agosto de 2018.

⁸ O Global Peace Index, em 2018, foi de 2.16, colocando o país na 106ª colocação entre os 163 países analisados (INSTITUTE FOR ECONOMICS AND PEACE, 2018). Dados da OCDE mostram que, no país, apenas 37% das pessoas se sentem seguras andando sozinhas à noite, valor bem abaixo da média dos países da OCDE, que é de 69%. As taxas de homicídio também são altas: 27.6 por cada 100.000 habitantes, enquanto a média da OCDE é de apenas 3.6. Disponível em: <http://www.oecdbetterlifeindex.org/topics/safety/> - Acessado em 12 de dezembro de 2018. Além disso, o *ranking* feito anualmente pela *Seguridad, Justicia y Paz*, uma organização da sociedade civil mexicana, destaca os nomes de 17 cidades brasileiras entre as 50 cidades mais violentas do mundo no ano de 2017. Disponível em: <https://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/biblioteca/prensa/send/6-prensa/242-las-50-ciudades-mas-violentas-del-mundo-2017-metodologia> - Acessado em 12 de dezembro de 2018.

⁹ Dados das Nações Unidas, através do *International Migration Report 2017*, mostram que o Brasil tem apenas 0,4% da sua população composta por imigrantes. Essa taxa está abaixo de todas as médias por região no mundo, e fica acima apenas de países como China (0,1%), Somália (0,3%) e Afeganistão (0,4%). Disponível em: http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf - Acessado em 12 de dezembro de 2018. Pequenas exceções, contudo, são observadas no país, como o movimento migratório de venezuelanos para Roraima. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/analise-redes-sobre-refugiados-venezuelanos-aponta-para-o-desafio-migratorio-em-roraima/> - Acessado em 12 de dezembro de 2018.

aumentar a própria percepção de ameaça do indivíduo (HUDDY; FELDMAN; TABER; LAHAV, 2005). Nesse sentido, a utilização dessas perguntas pode ter uma vantagem. Em geral, as pessoas percebem os riscos como sendo menores do que realmente são. Mas isso muda quando o indivíduo já passou por uma experiência negativa ou pode mais facilmente enxergar o risco – o que acontece quando a ameaça é mais tangível (WHITMARSH, 2008). Além disso, as pessoas são mais atentas e dão mais importância a riscos mais próximos a si (WHITMARSH, 2008). Como ambas dimensões aqui estudadas de ameaça (econômica e física) são tangíveis e próximas ao indivíduo – as entrevistadas podem facilmente responder se sua situação financeira piorou ou se foram vítimas de crimes, por exemplo –, a utilização de perguntas que mensuram experiências pode contribuir de forma positiva para a análise proposta. Assim, e sabendo que, em ambos os casos, há o desencadeamento de ansiedade, essas variáveis são utilizadas conjuntamente. Dado que a experiência impacta sobre como indivíduos avaliam e priorizam riscos (WHITMARSH, 2008), assume-se que um indivíduo que afirme que sua situação pessoal piorou nos últimos anos tenha uma visão mais pessimista sobre o futuro, ou, em outras palavras, sinta-se mais ameaçado em termos de saúde econômica.

2.3 HIPÓTESES

De acordo com o argumento apresentado, espera-se que a rejeição a grupos diversos esteja relacionada à maior percepção de ameaça. Dessa lógica, derivamos quatro hipóteses:

*H1: A percepção de **ameaça econômica** aumenta a **polarização afetiva** em relação aos cinco grupos analisados.*

*H2: A percepção de **ameaça física** aumenta a **polarização afetiva** em relação aos cinco grupos analisados.*

*H3: A percepção de **ameaça econômica** aumenta a **polarização negativa** em relação aos cinco grupos analisados.*

*H4: A percepção de **ameaça física** aumenta a **polarização negativa** em relação aos cinco grupos analisados.*

O capítulo seguinte dá início à parte empírica do presente trabalho e detalha os dados e métodos utilizados nos testes das hipóteses aqui elencadas.

3 DADOS E MÉTODOS

3.1 DADOS

Os dados utilizados no presente estudo advêm do Barômetro das Américas, *survey* realizado bienalmente pelo *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP) em 34 países das Américas (Norte, Central, Sul e Caribe). Dirigido por Elizabeth Zeichmeister, o Lapop é sediado na Universidade de Vanderbilt (EUA) e é reconhecido internacionalmente como fonte de informações independentes sobre comportamento e opinião pública em regimes democráticos no continente americano.¹⁰ Financiam o projeto a própria Universidade de Vanderbilt, além do *Open Society Foundation*. As amostras são nacionalmente representativas e estratificadas e os questionários aplicados possuem um núcleo em comum, acrescidos de módulos específicos por país. No cálculo de amostragem, o Lapop utiliza o *frequency matching*, para gerar uma amostra com uma distribuição de idade e gênero semelhante àquela do censo demográfico no país.

Na presente pesquisa, utilizamos os dados provenientes do *survey* mais recente realizado no Brasil. As perguntas utilizadas para mensurar as variáveis dependentes fazem parte do módulo específico adicionado ao questionário utilizado no país em 2017, de modo que os dados não permitem uma análise ao longo do tempo, nem comparada a outros países. As amostras são calculadas de modo a garantir a representatividade em níveis nacional e subnacional, considerando estratificação e *clustering*. A estratificação levou em consideração a divisão das cinco regiões do país: norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste, seguida de subdivisões baseadas nos tamanhos dos municípios brasileiros, bem como distinguindo entre áreas urbanas e rurais dentro dos municípios.¹¹ A amostra contém 250 unidades de amostragem e engloba todos os estados. As entrevistas foram realizadas em português, entre 05 de abril e 11 de maio de 2017, com um total de 1532 entrevistados (sendo 1322 em áreas urbanas e 210 em áreas rurais). Os entrevistados são adultos votantes e as entrevistas são realizadas presencialmente de porta em porta. A margem de erro estimada é de +- 2.5.

São cinco as variáveis dependentes, consistindo na mensuração de quão polarizados estão os sentimentos das pessoas em relação a cinco grupos distintos: (1) pessoas que defendem a legalização do aborto, (2) pessoas que defendem o regime militar, (3) comunistas, (4) petistas/simpatizantes do PT, e (5) psdbistas/simpatizantes do PSDB. Para esse cálculo, foram utilizadas as variáveis BRAGRUP1, BRAGRUP2, BRAGRUP3, BRAGRUP4 e BRAGRUP5.

¹⁰ Para mais informações: <https://www.vanderbilt.edu/lapop/>.

¹¹ Disponível em: <http://www.vanderbilt.edu/lapop/survey-designs.php> - Acessado em 13 de dezembro de 2018.

Como pode ser visto no Quadro 1, essas variáveis do Lapop mensuram, em uma escala de 1 a 10, como as pessoas se sentem em relação a esses grupos:

Quadro 1 – Perguntas utilizadas para a mensuração das variáveis dependentes

Falando de alguns grupos de pessoas, poderia informar o quanto gosta ou desgosta dos listados abaixo. Usaremos agora uma escala de 1 a 10, na qual 1 significa "desgosto muito" e 10 significa "gosto muito".
BRAGRUP1. Pessoas que defendem a legalização do aborto
BRAGRUP2. Pessoas que defendem o regime militar
BRAGRUP3. Comunistas
BRAGRUP4. Petistas/ Simpatizantes do PT
BRAGRUP5. PSDBistas/ Simpatizantes do PSDB

As variáveis dependentes (polarização) foram operacionalizadas de duas formas: polarização em módulo e polarização negativa. Para o cálculo da polarização em módulo, aqui entendida como distância do centro, utilizamos a seguinte fórmula:

$$\text{pol_mod} = |x - m|$$

Onde: p é o valor da variável dependente (polarização), x é o valor da variável originária BRAGRUP, e m é o centro da escala. Como o centro da escala seria 5,5 e como esse não é um valor de resposta válido, o cálculo das variáveis de polarização em módulo levou em consideração duas respostas (5 e 6) como sendo centrais, de modo que a distância entre os valores extremos e o centro fosse a mesma (p = 4, para x = 1 ou 10).

A polarização negativa, por outro lado, tem como objetivo capturar o quanto da polarização total (em módulo) é construída a partir da rejeição das entrevistadas aos grupos. Nesse caso, o cálculo foi direto:

$$\text{pol_neg} = x - m$$

Enquanto a pol_mod varia entre 0 e 4, a pol_neg varia entre -4 (valor mínimo, que indicaria, em outras palavras, o máximo de polarização positiva) e +4 (maior polarização negativa, ou afeto negativo).

Para a mensuração das variáveis independentes (percepção de ameaça) foram utilizadas as perguntas listadas no Quadro 2 para a construção de dois índices: percepção de ameaça econômica e física. Isso porque não é possível, através dos dados disponíveis, observar diretamente, ou mensurar em uma única variável, a percepção de ameaça do indivíduo. A primeira dimensão de análise – econômica – é composta pelas variáveis IDIO2 e SOCT2 (Quadro 2), que mensuram, respectivamente, a avaliação que o indivíduo tem sobre a sua situação econômica, e sua avaliação sobre a situação econômica do país. A segunda dimensão, de ameaça física, contém as variáveis AOJ11 e FEAR11, mensurando, também respectivamente, o quão insegura a entrevistada se sente em seu bairro, e o medo que a ela tem de ser vítima de homicídio. É importante destacar que a variável FEAR11 foi transformada em MFEAR11, de modo que o incremento do valor refletisse um aumento no medo de ser vítima de homicídio.

Quadro 2 - Perguntas utilizadas para a mensuração das variáveis independentes

IDIO2. O(A) sr./sra. acha que sua atual situação econômica está melhor, igual ou pior que a de há doze meses? (1) Melhor (2) Igual (3) Pior
SOCT2. O(A) sr./sra. considera que a situação econômica atual do país está melhor, igual, ou pior que há doze meses? (1) Melhor (2) Igual (3) Pior
AOJ11. Falando do lugar ou bairro onde o(a) sr./sra. vive, e pensando na possibilidade de ser vítima de um assalto ou roubo, o(a) sr./sra. se sente muito seguro(a), pouco seguro(a), pouco inseguro(a) ou muito inseguro(a)? (1) Muito seguro(a) (2) Pouco seguro(a) (3) Pouco inseguro(a) (4) Muito inseguro(a)
FEAR11. Pensando na sua vida diária, quanto medo o(a) sr(a) sente de ser vítima de homicídio? O(a) sr./sra. sente muito medo, algum medo, pouco medo, ou nenhum medo? (1) Muito medo (2) Algum medo (3) Pouco medo (4) Nenhum medo

Essas variáveis foram escolhidas após uma análise preliminar de correlação entre todas as variáveis mensuradas no *survey* realizado pelo Lapop que se relacionam a percepções sobre a economia/situação financeira e riscos físicos, como ter sido vítima de crime nos últimos meses. Todas as perguntas consideradas na análise preliminar encontram-se no Anexo (Quadro I), bem como as correlações entre essas variáveis (Tabela I). Para a dimensão de ameaça física, apenas duas variáveis apresentaram valores mínimos adequados (0,3) de correlação (AOJ11 e

MFEAR11). Mas para a dimensão de ameaça econômica, duas possibilidades surgiram: a combinação de SOCT2 e IDIO2 ou de Q10E e IDIO2. Após essa análise preliminar, foi realizada uma análise fatorial para saber a coesão das variáveis, isto é, para confirmar que elas podem ser confiavelmente utilizadas conjuntamente. A redução de dimensão foi feita através do método de extração de componentes principais com rotação *Oblimin* e normalização de Kaiser (eigenvalor > 1 , ou seja, os componentes explicam mais do que a variável original). Todos os resultados foram bem semelhantes para as duas opções de combinações de variáveis econômicas. Mas, como a variância total explicada pelo modelo com SOCT2 + IDIO2 foi superior ao concorrente, ainda que levemente (64,343%, em comparação a 64,284%), foi escolhida a variável SOCT2. A Tabela 1 apresenta um resumo dos resultados encontrados (o Quadro II, com a comparação entre os resultados para SOCT2 e Q10E, encontra-se no Anexo).

Tabela 1: Análise de componentes principais

	Dimensão econômica (SOCT2 + IDIO2)	Dimensão física (AOJ11 + MFEAR11)
Amostra	1532 casos	
Correlação	0,287	0,306
KMO	0,500 / p-valor $< 0,01$	0,500 / p-valor $< 0,01$
Comunalidades	0,643	0,653
Variância total explicada	64,343%	65,278%
Coefficientes componente	0,802	0,808

A criação de índices permite agregar mais informações na mensuração de uma variável que não pode ser diretamente observada, através da junção de variáveis observáveis correlacionadas, como a junção de um número maior de pixels que permite uma visualização melhor de uma imagem. No presente trabalho, utilizamos esses índices como *proxy* para mensurar nossas variáveis preditoras, dado que nenhuma variável disponível no *survey* captura perfeitamente o conceito buscado. Essa é uma limitação que muitas vezes decorre da utilização de dados secundários, mas, entre os dados que estão disponíveis, essa foi a melhor forma encontrada de mensuração. Assim, é esperado que haja uma distância entre o conceito buscado de acordo com a teoria e o que de fato está sendo mensurado na análise empírica. No capítulo de conclusão, as implicações dessa limitação são consideradas mais detalhadamente.

Outro problema que surge da utilização de dados secundários na presente pesquisa se deve à expectativa de que a radicalização nos sentimentos em relação aos grupos se dê diante de situações de ameaça em relação a todos os grupos, independentemente de quão relacionados estejam à percepção de ameaça. Mas como saber que as entrevistadas não relacionam aqueles grupos à ameaça que sentem? Por exemplo, que não culpam “comunistas” pelos problemas econômicos? Com os dados disponíveis, não é possível responder essa pergunta. Para efeitos do presente estudo, portanto, considera-se que a relação entre o grupo e a ameaça deveria ser direta, ou seja, como no caso de trabalhos (experimentais) que investigam o efeito da ameaça econômica imposta pela imigração sobre a rejeição a imigrantes. Seguindo esse pressuposto, nenhum dos grupos se relacionaria de forma direta às ameaças. Mas esse é outro ponto fraco desta pesquisa, que, novamente, deriva das limitações impostas pelos dados disponíveis e poderá ser endereçado em pesquisa futura através da coleta de dados primários.

3.2 MÉTODOS

A análise dos dados foi feita através de regressões logísticas ordinais, uma vez que as variáveis dependentes são calculadas a partir de respostas em escalas de 1-10. Os valores em variáveis com esse nível de mensuração apresentam uma ordem, mas os intervalos entre as categorias não podem ser presumidos iguais. Um exemplo seria o *ranking* no resultado de uma corrida: a diferença entre o primeiro e o segundo lugar, em termos de tempo, pode não ser a mesma que entre o segundo e o terceiro. As escalas comumente utilizadas em pesquisas de opinião pública seguem a mesma lógica. Ainda que seja um tema controverso a aplicação de testes paramétricos em dados ordinais (JAMIELSON, 2004), na presente pesquisa adotamos o posicionamento de que não é possível presumir que as diferenças na intensidade do sentimento entre as categorias da variável resposta são iguais. Além disso, dados gerados a partir da utilização de escalas tipo *likert* geralmente apresentam distribuições distorcidas (*skewed*) (JAMIELSON, 2004), o que se aplica aos dados utilizados na presente pesquisa (a análise descritiva dos dados pode ser encontrada no capítulo de resultados).

Foram feitas, ao todo, vinte análises, com o objetivo de testar quatro modelos para cada um dos cinco grupos analisados, consistindo no efeito de duas variáveis preditoras (percepção de ameaça econômica e física) sobre as variáveis dependentes operacionalizadas de duas formas (polarização em módulo e negativa). Por se tratar de uma pesquisa baseada em dados observacionais, foram empregados controles em todas as análises. As variáveis incluídas são padrão em trabalhos anteriores da área (ABRAMOWITZ; SAUNDERS, 2008), e consistem em: idade, escolaridade (mensurada como quantidade de anos de estudo), sexo,

conservadorismo (mensurado em escala de 1 a 10), partidarismo (sendo 1: não se identifica com um partido, e 2: identifica-se com um partido), interesse por política (mensurado em escala de 1 a 4), religiosidade (mensurado em escala de 1 a 5) e etnia (sendo 0: não brancos, e 1: brancos). Todas as variáveis foram codificadas em ordem crescente, ou seja, em religiosidade, por exemplo, “1” indica que a entrevistada nunca frequenta cultos religiosos, enquanto “5” (valor máximo) indica que a frequência é de “mais de uma vez na semana”. As perguntas utilizadas para a criação dos controles podem ser encontradas no Quadro III, no Anexo. No próximo capítulo, apresentamos e discutimos os resultados das análises.

4 RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados das análises realizadas a fim de avaliar as hipóteses levantadas no capítulo teórico. Com base na teoria desenvolvida no presente trabalho, esperamos que níveis mais altos de ameaça econômica e física estivessem relacionados a um aumento na polarização afetiva em relação a grupos definidos politicamente. Desse argumento, derivamos quatro hipóteses: H1: A percepção de **ameaça econômica** aumenta a **polarização afetiva** em relação aos cinco grupos analisados; H2: A percepção de **ameaça física** aumenta a **polarização afetiva** em relação aos cinco grupos analisados; H3: A percepção de **ameaça econômica** aumenta a **polarização negativa** em relação aos cinco grupos analisados; e H4: A percepção de **ameaça física** aumenta a **polarização negativa** em relação aos cinco grupos analisados. Cada hipótese é testada através de um modelo específico, para cada grupo: (1) pessoas que são a favor da legalização do aborto; (2) pessoas que são a favor do regime militar; (3) comunistas; (4) petistas e simpatizantes do PT; e (5) psdbistas e simpatizantes do PSDB, de modo que, ao todo, reportamos e discutimos vinte análises. Esses resultados são apresentados em seções, sendo uma para cada grupo, seguidas de uma seção de discussão geral, ao final do capítulo.

Para o teste dessas hipóteses, foram utilizadas regressões logísticas ordinais, uma vez que as variáveis resposta são calculadas a partir de respostas em *survey* utilizando escalas de 1-10, conforme discutido no capítulo de dados e métodos. As análises consistiram na investigação do efeito das duas variáveis independentes (percepção de ameaça econômica e física) sobre a variável dependente operacionalizada de duas formas (polarização modular, que consiste na distância do centro da escala e varia de 0 a 4, e polarização negativa, que se refere ao quanto da polarização modular é de afeto negativo, ou rejeição ao grupo, variando de -4 a +4), bem como no efeito de oito variáveis de controle (idade, escolaridade, sexo, conservadorismo, partidarismo, interesse por política, religiosidade e etnia). Assim, foram analisados quatro modelos para cada um dos cinco grupos investigados. Nas seções seguintes, apresentamos e discutimos os principais achados para cada um dos grupos. Os resumos dos resultados podem ser encontrados nas tabelas de 3 a 14.

4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

O quadro 1 mostra um resumo das estatísticas descritivas para a polarização em módulo, seguido dos respectivos histogramas (imagem 1). É possível perceber que há uma tendência geral para os valores mais altos de polarização modular em todos os cinco grupos.

Em todos os casos, a maior frequência esteve no valor mais alto de polarização em módulo, mas ela foi, sobretudo, acentuada nos grupos 1 e 3, referentes, respectivamente, a pessoas que defendem a legalização do aborto e comunistas. Os histogramas para os grupos 2 e 5, respectivamente, pessoas que defendem o regime militar e psdbistas/simpatizantes do PSDB, apresentaram as distribuições menos enviesadas, mas, ainda assim, a frequência maior esteve no valor mais alto de polarização em ambos os casos.

Tabela 1: Polarização em módulo – estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio
Aborto	1519	,0	4,0	2,972	1,4503
Regime militar	1503	,0	4,0	2,343	1,6015
Comunistas	1470	,0	4,0	2,477	1,5928
Petistas	1494	,0	4,0	2,419	1,5877
Psdbistas	1483	,0	4,0	2,275	1,5667

No quadro 2, podemos ver um resumo das estatísticas descritivas para a polarização negativa, seguido dos respectivos histogramas (imagem 2). É possível perceber que, novamente, há uma tendência geral para os valores mais altos de polarização em todos os cinco grupos. Os grupos 1 (pessoas que são a favor da legalização do aborto) e 3 (comunistas), mais uma vez, são aqueles com maiores frequências para o valor mais alto de polarização. O grupo com a distribuição menos enviesada é aquele composto por pessoas que são a favor do regime militar. Como é possível ver na imagem 2, além disso, esse é o grupo com maior frequência no valor mínimo de polarização negativa, ou seja, esse é o grupo que (a) mais pessoas afirmaram gostar muito, e (b) que as opiniões estiveram mais normalmente distribuídas entre os cinco grupos perguntados.

Tabela 2: Polarização negativa – estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio
Aborto	1519	-4,0	4,0	1,708	2,8326
Regime militar	1503	-4,0	4,0	,259	2,8266
Comunistas	1470	-4,0	4,0	1,937	2,2187
Petistas	1494	-4,0	4,0	1,352	2,5587
Psdbistas	1483	-4,0	4,0	1,772	2,1194

Imagem 1: Gráficos de frequência para polarização em módulo

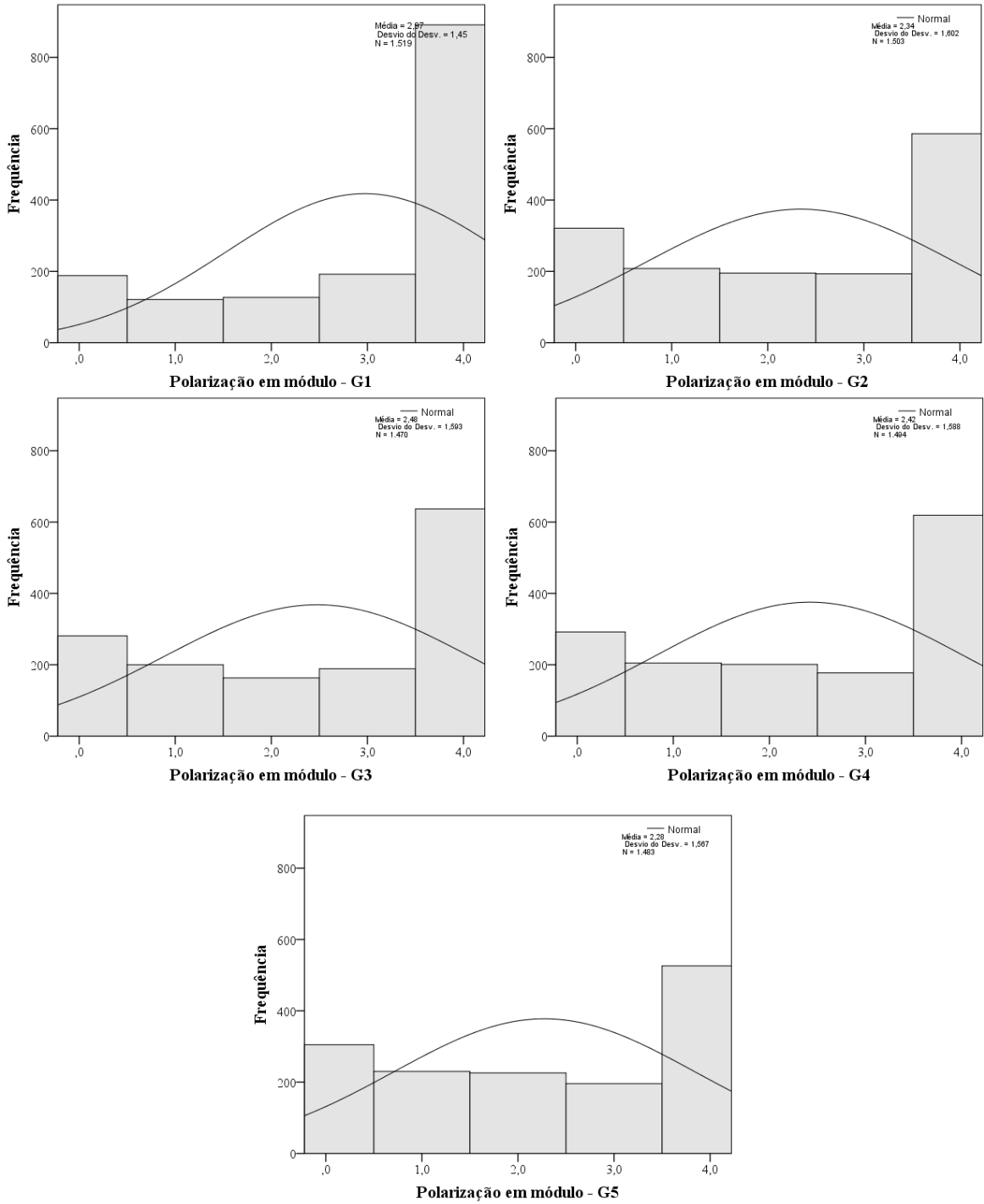
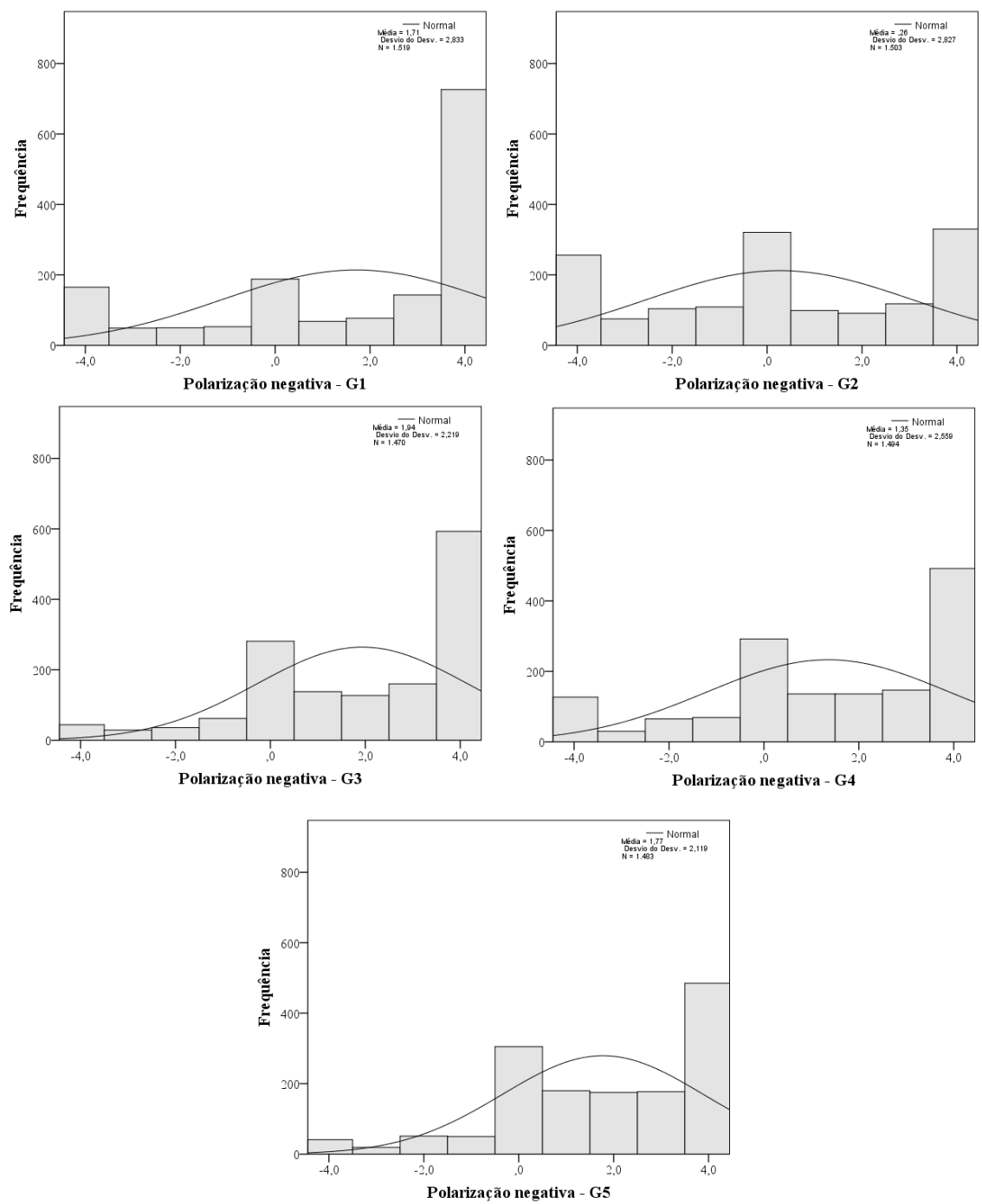


Imagem 2: Gráficos de frequência para polarização negativa



4.2 TESTES DE HIPÓTESES

4.2.1 Grupo 1 – Pessoas que são a favor da legalização do aborto

Como mostram as tabelas 3 e 4, não foi possível verificar efeitos significantes da percepção de ameaça, econômica ou física, sobre a polarização em relação ao grupo 1. Assim, não foi possível rejeitar a hipótese nula de que o aumento na percepção de ameaça não se relaciona ao crescimento da polarização em relação a esse grupo. Apesar disso, é possível observar uma tendência em consonância com a expectativa teórica para a polarização em módulo. As tabelas 3 e 4 apresentam o coeficiente (estimativa) para cada preditor analisado, seu respectivo erro padrão e a indicação da significância. O coeficiente é apresentado de duas formas: como a estimativa¹² ($\log(\text{odds})$), e como os *odds ratios* ($\exp(\beta)$). Como é possível ver, houve uma tendência de aumento na polarização quanto mais ameaçado economicamente se sente o indivíduo. Quando a percepção de ameaça econômica aumenta, cresce a probabilidade de respostas com valores mais altos de polarização. Apesar disso, esses coeficientes não apresentaram significância estatística em nenhum dos quatro modelos analisados.

Tabela 3: Coeficientes das análises para a polarização em módulo (Grupo 1)

Polarização em Módulo – G1				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,088 (,054)	1,092		
Ameaça Física			,010 (,055)	1,010
Sexo: feminino	,290*** (,110)	1,336	,299*** (,111)	1,349
Idade	,001 (,004)	1,001	,000 (,004)	1,000
Conservadorismo	-,028 (,020)	,972	-,034* (,020)	,967
Partidarismo	-,152 (,140)	,859	-,150 (,139)	,861
Interesse por política	-,083 (,060)	,920	-,099* (,060)	,906
Escolaridade	-,021 (,016)	,979	-,020 (,016)	,980
Religiosidade	,092**	1,096	,092**	1,096

¹² No SPSS, as estimativas são os coeficientes gerados em uma regressão logística ordinal. Consistem nos coeficientes logit ordinais da regressão e, quando exponenciadas, geram os *odds ratios*. Os OR são os coeficientes diretamente interpretáveis e indicam a mudança esperada na variável resposta dado um aumento de uma unidade na variável preditora.

	(,038)		(,038)	
Etnia: brancos	,016	1,016	,012	1,012
	(,118)		(,118)	

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Nos modelos de (1) ameaça econômica e polarização em módulo, (2) ameaça física e polarização em módulo, e (3) ameaça econômica e polarização negativa, a direção do efeito segue a expectativa teórica. No modelo (4), de ameaça física e polarização negativa, entretanto, a tendência é inversa: maiores níveis de percepção de ameaça física parecem estar relacionados a menor polarização negativa em relação a pessoas que defendem a legalização do aborto. Essa tendência, novamente, não apresenta significância.

Tabela 4: Coeficientes das análises para a polarização negativa (Grupo 1)

Polarização Negativa – G1				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,009 (,052)	1,009		
Ameaça Física			-,045 (,052)	,956
Sexo: feminino	,114 (,105)	1,121	,122 (,105)	1,130
Idade	-,003 (,004)	,997	-,003 (,004)	,997
Conservadorismo	-,038** (,019)	,963	-,040** (,019)	,961
Partidarismo	-,200 (,133)	,819	-,209 (,132)	,811
Interesse por política	-,145** (,057)	,865	-,155*** (,057)	,856
Escolaridade	-,001 (,015)	,999	,001 (,015)	1,001
Religiosidade	,172**** (,037)	1,188	,168**** (,037)	1,183
Etnia: brancos	,058 (,112)	1,060	,042 (,112)	1,043

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Entre os controles empregados, pudemos observar alguns efeitos importantes. Nas tabelas, vemos que pessoas mais conservadoras (que se identificam como “de direita”, no espectro ideológico) tenderam a expressar menor polarização em módulo e negativa em relação

ao grupo 1. No caso específico da polarização negativa, onde o efeito apresentou significância estatística ($p < 0,05$), esse é um achado que chama a atenção, por ser contra intuitivo: pessoas mais à direita estiveram relacionadas a menores níveis de rejeição em relação a pessoas que defendem a legalização do aborto, uma pauta liberal e ligada a partidos de esquerda. Mulheres, além disso, tenderiam a ser mais polarizadas em módulo e negativamente em relação a pessoas que defendem a legalização do aborto, mas apenas no primeiro caso esse efeito é estatisticamente significativo ($p < 0,01$).

Partidarismo não apresentou significância em nenhum dos quatro modelos. Apesar disso, é possível ver uma tendência nos coeficientes de redução da polarização em relação a esse grupo entre pessoas que se identificam com algum partido político. O maior interesse por política, por sua vez, esteve relacionado a uma redução na polarização em relação a esse grupo, com efeitos significantes para a polarização negativa ($p < 0,05$). Ou seja, os dados indicam uma tendência a que pessoas mais interessadas por política e que se identifiquem com algum partido em expressar menores níveis de polarização em relação ao grupo 1.

A religiosidade foi o preditor com maior poder explicativo sobre as nossas variáveis resposta: em todos os quatro modelos rodados, a frequência de atendimento a cultos religiosos esteve associada a um aumento na polarização em módulo e negativa em relação a pessoas que defendem a legalização do aborto ($p < 0,05$, para polarização em módulo, e $p < 0,01$, para polarização negativa). Por fim, idade, escolaridade, etnia e partidarismo não apresentaram efeitos significativos sobre a variável resposta em nenhum dos quatro modelos analisados.

4.2.2 Grupo 2 – Pessoas que são a favor do regime militar

Para o grupo 2, novamente não foi possível rejeitar a hipótese nula. Mais uma vez, no entanto, foi possível observar uma tendência em consonância com a expectativa teórica. Nas tabelas 5 e 6, é possível verificar que os coeficientes apontam um efeito positivo da percepção de ameaça sobre a polarização em relação ao grupo 2 em todos os quatro modelos analisados. Ou seja, os dados indicam que parece haver uma tendência de crescimento da polarização em módulo e negativa em relação a pessoas que são a favor do regime militar conforme cresce a percepção de ameaça do indivíduo. Esses efeitos, contudo, não foram estatisticamente significantes.

Entre os controles, encontramos resultados significantes para idade, conservadorismo, interesse por política, escolaridade e religiosidade. Ainda na tabela 4, é possível perceber que pessoas mais velhas tendem a expressar maior polarização em módulo em relação a pessoas que defendem o regime militar ($p < 0,05$), mas são os mais jovens que se

relacionam a níveis mais elevados de polarização negativa em relação a esse grupo ($p < 0,01$). Dado que a diferença entre a polarização positiva e a negativa consiste na direção do efeito, o que os resultados mostram é que pessoas mais velhas, em geral, são mais polarizadas positivamente em relação a defensores do regime militar, enquanto os mais jovens tendem a rejeitar mais veementemente esse grupo.

Tabela 5: Coeficientes das análises para a polarização em módulo (Grupo 2)

Polarização em Módulo – G2				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,050 (,051)	1,051		
Ameaça Física			,057 (,051)	1,059
Sexo: feminino	,039 (,103)	1,040	,029 (,104)	1,029
Idade	,010*** (,003)	1,010	,009** (,003)	1,009
Conservadorismo	-,042** (,019)	,959	-,045** (,018)	,956
Partidarismo	,063 (,133)	1,065	,069 (,132)	1,071
Interesse por política	,145** (,057)	1,156	,139** (,057)	1,149
Escolaridade	-,023 (,015)	,977	-,021 (,015)	,979
Religiosidade	-,079** (,036)	,924	-,085** (,036)	,919
Etnia: brancos	,025 (,110)	1,025	,034 (,110)	1,035

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

As análises mostraram, também, que indivíduos mais conservadores tenderam a expressar menor polarização em módulo ($p < 0,05$) e negativa ($p < 0,01$) em relação a esse grupo, e que a maior frequência em cultos religiosos também esteve relacionada a uma redução na polarização em módulo ($p < 0,05$). Em outras palavras, é possível dizer que, de maneira geral, pessoas mais conservadoras e mais religiosas estariam relacionadas a menores níveis de polarização em relação a defensores do regime militar.

O maior interesse por política, por sua vez, esteve associado a um aumento na polarização em módulo ($p < 0,05$) e negativa ($p < 0,01$) em relação a esse grupo, enquanto a escolaridade apresentou capacidade explicativa sobre o aumento na polarização negativa ($p <$

0,01). Ou seja, pessoas com maior escolaridade e maior interesse por política tenderiam a expressar maior rejeição por pessoas que defendem o regime militar.

Tabela 6: Coeficientes das análises para a polarização negativa (Grupo 2)

Polarização Negativa – G2				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,055 (,050)	1,057		
Ameaça Física			,046 (,049)	1,047
Sexo: feminino	,090 (,100)	1,094	,097 (,101)	1,102
Idade	-,011*** (,003)	,989	-,011*** (,003)	,989
Conservadorismo	-,057*** (,018)	,945	-,058*** (,018)	,944
Partidarismo	-,064 (,129)	,938	-,040 (,128)	,961
Interesse por política	,164*** (,055)	1,178	,170*** (,055)	1,185
Escolaridade	,052**** (,015)	1,053	,051*** (,015)	1,052
Religiosidade	-,024 (,035)	,976	-,025 (,035)	,975
Etnia: brancos	,072 (,107)	1,075	,065 (,107)	1,067

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$, ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Sexo, partidarismo e etnia não apresentaram efeitos significantes sobre a variável resposta em nenhum dos quatro modelos testados.

4.2.3 Grupo 3 – Comunistas

Para o grupo 3, como nos dois casos anteriores, nosso argumento não se sustentou empiricamente, de modo que não foi possível rejeitar a hipótese nula. Foi possível observar, contudo, uma tendência semelhante àquela do grupo 1: enquanto nos três primeiros modelos, o incremento na ameaça esteve relacionado a um aumento na variável resposta, na análise do efeito da ameaça física sobre a polarização negativa, a direção do efeito foi contrária à expectativa teórica (tabelas 7 e 8). A ameaça econômica foi a única que apresentou significância estatística em um dos modelos testados: o incremento na percepção de ameaça esteve

relacionado a um aumento na polarização negativa em relação a comunistas ($p < 0,1$) (tabela 8).

Tabela 7: Coeficientes das análises para a polarização em módulo (Grupo 3)

Polarização em Módulo – G3				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,006 (,052)	1,006		
Ameaça Física			,028 (,052)	1,028
Sexo: feminino	,033 (,105)	1,034	,024 (,106)	1,024
Idade	,036**** (,004)	1,037	,036**** (,004)	1,037
Conservadorismo	-,015 (,019)	,985	-,016 (,019)	,984
Partidarismo	-,079 (,135)	,924	-,060 (,135)	,942
Interesse por política	-,010 (,058)	,990	-,007 (,058)	,993
Escolaridade	,001 (,016)	1,001	,002 (,016)	1,002
Religiosidade	,054 (,037)	1,055	,052 (,037)	1,053
Etnia: brancos	,039 (,113)	1,040	,045 (,113)	1,046

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Os dados indicaram, além disso, a influência de outros preditores, sendo a idade o principal deles: pessoas mais velhas são as mais polarizadas em módulo e negativamente em relação a esse grupo, ou seja, são os mais velhos que, em geral, expressam maior rejeição por comunistas ($p < 0,01$, em todos os modelos testados). Para a polarização negativa, além disso, destacamos o efeito do partidarismo e da escolaridade: pessoas que afirmaram se identificar com um partido político estiveram associadas a níveis mais baixos de rejeição a esse grupo ($p < 0,01$), bem como pessoas com maior escolaridade ($p < 0,1$).

Sexo, conservadorismo, interesse por política, etnia e religiosidade não apresentaram significância estatística em nenhum dos modelos rodados.

Tabela 8: Coeficientes das análises para a polarização negativa (Grupo 3)

Polarização Negativa – G3

Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,096* (,052)	1,101		
Ameaça Física			-,039 (,052)	,962
Sexo: feminino	-,080 (,104)	,923	-,052 (,105)	,0949
Idade	,037***** (,004)	1,038	,038***** (,004)	1,039
Conservadorismo	,008 (,019)	1,008	,000 (,019)	1,000
Partidarismo	-,460*** (,133)	,631	-,448*** (,132)	,639
Interesse por política	-,005 (,057)	,995	-,012 (,057)	,988
Escolaridade	,028* (,015)	1,028	,026* (,015)	1,026
Religiosidade	,054 (,036)	1,055	,055 (,036)	1,057
Etnia: brancos	-,029 (,112)	,971	-,039 (,111)	,962

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$, ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

4.2.4 Grupo 4 – Petistas e simpatizantes do PT

Para esse grupo, novamente, não foi possível verificar efeitos estatisticamente significantes, então não pudemos rejeitar nossas hipóteses nulas. Em um dos modelos, contudo, encontramos significância: a percepção de ameaça física esteve associada a um aumento na polarização em módulo em relação ao grupo 4 ($p < 0,01$, conforme tabela 9). O que isso quer dizer é que pessoas que expressaram se sentir mais inseguras nos seus bairros estiveram associadas a atitudes mais radicais em relação a petistas e simpatizantes do PT. As outras três análises não apresentaram significância em seus efeitos esperados e, no caso do modelo investigando o efeito da percepção de ameaça econômica sobre a polarização negativa, a direção do efeito foi contrária à expectativa teórica, como pode ser visto na tabela 10.

Tabela 9: Coeficientes das análises para a polarização em módulo (Grupo 4)

Polarização em Módulo – G4				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,039 (,051)	1,040		

Ameaça Física			,153*** (,051)	1,165
Sexo: feminino	-,055 (,103)	,946	-,100 (,104)	,905
Idade	,011*** (,004)	1,011	,012*** (,004)	1,012
Conservadorismo	-,034* (,019)	,967	-,031* (,018)	,969
Partidarismo	,255* (,133)	1,290	,260* (,133)	1,297
Interesse por política	-,168*** (,057)	,845	-,166*** (,057)	,847
Escolaridade	,013 (,015)	1,013	,013 (,015)	1,013
Religiosidade	,008 (,036)	1,008	,015 (,036)	1,015
Etnia: brancos	,010 (,111)	1,010	,004 (,111)	1,004

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Ainda na tabela 9, podemos ver que o aumento da polarização em módulo para o grupo 4 esteve associado a pessoas mais velhas ($p < 0,01$), menos conservadoras ($p < 0,1$), que se identificam com um partido político ($p < 0,1$), e com menor interesse em política ($p < 0,01$). Já para a polarização negativa, os dados mostram que a maior rejeição a petistas e simpatizantes do PT parece ser encontrada entre pessoas: do sexo masculino ($p < 0,05$), jovens ($p < 0,05$), que não se identificam com um partido ($p < 0,01$), com baixo interesse em política ($p < 0,01$), alta escolaridade ($p < 0,05$), maior religiosidade ($p < 0,1$) e auto declaradas brancas ($p < 0,05$) (tabela 10).

Tabela 10: Coeficientes das análises para a polarização negativa (Grupo 4)

Polarização Negativa – G4				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	-,013 (,051)	,987		
Ameaça Física			,025 (,050)	1,025
Sexo: feminino	-,212** (,102)	,809	-,226** (,103)	,798
Idade	,009*** (,003)	1,009	,009** (,003)	1,009
Conservadorismo	,012 (,018)	1,012	,014 (,018)	1,014

Partidarismo	-1,179**** (,132)	,308	-1,166**** (,131)	,312
Interesse por política	-,273**** (,056)	,761	-,272**** (,056)	,762
Escolaridade	,038** (,015)	1,039	,037** (,015)	1,038
Religiosidade	,061* (,035)	1,063	,065* (,035)	1,067
Etnia: brancos	,281** (,110)	1,324	,280** (,109)	1,323

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

4.2.5 Grupo 5 – Psdbistas e simpatizantes do PSDB

Como pode ser visto nas tabelas 11 e 12, as análises para o grupo 5 permitiram identificar um efeito estatisticamente significativo da percepção de ameaça econômica sobre a polarização em módulo ($p < 0,05$) e negativa ($p < 0,01$) em relação ao grupo 5. Em consonância com a expectativa teórica, os dados indicaram que pessoas que se sentem mais ameaçadas economicamente tenderam a expressar atitudes mais radicais, em geral, e negativamente, em específico, em relação a psdbistas e simpatizantes do PSDB.

Tabela 11: Coeficientes das análises para a polarização em módulo (Grupo 5)

Polarização em Módulo – G5				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,128** (,051)	1,137		
Ameaça Física			,056 (,051)	1,058
Sexo: feminino	-,139 (,102)	,870	-,129 (,103)	,879
Idade	,012*** (,003)	1,012	,012**** (,003)	1,012
Conservadorismo	-,053*** (,018)	,948	-,059*** (,018)	,943
Partidarismo	,052 (,131)	1,053	,084 (,131)	1,088
Interesse por política	-,127** (,057)	,881	-,139** (,056)	,870
Escolaridade	,018 (,015)	1,018	,018 (,015)	1,018
Religiosidade	-,055 (,036)	,946	-,056 (,036)	,946

Etnia: brancos	-,128 (,110)	,880	-,148 (,109)	,862
----------------	-----------------	------	-----------------	------

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Para a ameaça física, a direção do efeito também seguiu a expectativa teórica em ambos os modelos, de polarização em módulo e negativa (tabelas 11 e 12). Ainda que o p-valor da ameaça física em ambos os casos não tenha atingido o limite de significância estabelecido na presente pesquisa ($p < 0,1$), no modelo com a polarização negativa, esse efeito chegou perto do valor mínimo, o que indica que essa relação pode ser mais profundamente investigada, com alterações no modelo ou através da mensuração mais adequada dessa variável. No capítulo final, essas questões são discutidas em mais detalhe.

Tabela 12: Coeficientes das análises para a polarização negativa (Grupo 5)

Polarização Negativa – G5				
Preditores	Est. (S.E.)	Exp(β)	Est. (S.E.)	Exp(β)
Ameaça Econômica	,189**** (,050)	1,208		
Ameaça Física			,079 (,050)	1,082
Sexo: feminino	-,312*** (,102)	,732	-,284*** (,103)	,753
Idade	,010*** (,003)	1,010	,010*** (,003)	1,010
Conservadorismo	-,068**** (,018)	,934	-,077**** (,018)	,926
Partidarismo	-,384*** (,130)	,681	-,324** (,129)	,723
Interesse por política	-,116** (,056)	,890	-,125** (,056)	,882
Escolaridade	,034** (,015)	1,035	,030** (,015)	1,030
Religiosidade	-,039 (,035)	,962	-,039 (,035)	,962
Etnia: brancos	,056 (,109)	1,058	,043 (,109)	1,044

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Para o grupo 5, as análises indicaram maior polarização em módulo entre pessoas: mais velhas ($p < 0,01$), menos conservadoras ($p < 0,01$) e com menor interesse em política ($p < 0,05$). Estão relacionadas, por outro lado, a uma maior polarização negativa em relação a esse

grupo indivíduos: do sexo masculino ($p < 0,01$), mais velhos ($p < 0,01$), menos conservadores ($p < 0,01$), que não se identificam com um partido político ($p < 0,05$), com menor interesse por política ($p < 0,05$) e com maior escolaridade ($p < 0,05$). Religiosidade e etnia não foram estatisticamente significantes em nenhum dos modelos analisados.

4.2.6 Discussão geral

Como discutido nas seções individuais, os argumentos desenvolvidos no presente trabalho não parecem se sustentar empiricamente. Isso quer dizer que, com base na análise dos dados disponíveis, não conseguimos rejeitar as hipóteses nulas referentes aos efeitos das ameaças econômica e física sobre a polarização afetiva, seja ela mensurada em módulo ou como polarização negativa. Em apenas poucos casos isolados foi possível observar a relação esperada e, portanto, a interpretação mais adequada dos resultados positivos tende a ser a de que há outras razões, que não o mecanismo causal discutido no presente estudo, gerando esses efeitos. Apesar disso, apenas em dois dos vinte modelos rodados a direção do efeito não seguiu a expectativa teórica: em todos os outros dezoito, a maior percepção de ameaça esteve relacionada a um aumento na polarização, mas esses efeitos, em sua maioria, não foram estatisticamente significantes.

Além disso, pudemos observar algumas tendências em relação aos perfis individuais que se relacionam a maiores níveis de polarização afetiva em relação aos grupos investigados no país. Porque, como vimos na seção de estatística descritiva, a polarização negativa é tão mais pronunciada entre a população, vamos apresentar os principais achados em relação ao perfil das pessoas que expressam maior rejeição em relação a cada um dos grupos.

São mais polarizados negativamente em relação a pessoas que defendem a legalização do aborto mulheres e pessoas mais religiosas. Tenderam a expressar menor rejeição a esse grupo pessoas do sexo masculino, mais velhas, conservadoras, que se identificam com um partido político e que informaram ter maior interesse em política. A maior rejeição a pessoas que defendem o regime militar esteve entre pessoas do sexo feminino, jovens, que não se identificam com um partido, com maior interesse em política, menor religiosidade e maior escolaridade. Os maiores níveis de rejeição a comunistas estiveram associados a indivíduos mais velhos, com maior escolaridade, maior religiosidade e que não se identificam com um partido político. A polarização negativa em relação a petistas e simpatizantes do PT foi maior entre homens, pessoas mais velhas, auto declarados brancos, que não se identificam com um partido político, que expressaram menor interesse por política, maior religiosidade e maior escolaridade. Por fim, a maior rejeição aos psdbistas e simpatizantes do PSDB esteve entre

homens, indivíduos mais velhos, menos conservadores, com maior escolaridade, que não se identificam com um partido, e aqueles com menor interesse em política. As tabelas 13 e 14 apresentam resumos das variáveis que apresentaram significância estatística em cada modelo, separados pelo tipo de ameaça.

Tabela 13: Resumo das variáveis com significância por modelo analisado para ameaça econômica

Preditor	G1		G2		G3		G4		G5	
	Exp (β)		Exp (β)		Exp (β)		Exp (β)		Exp (β)	
	(Sig.)		(Sig.)		(Sig.)		(Sig.)		(Sig.)	
	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.
Ame. Econôm.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	1,101 (*)	N.S.	N.S.	1,137 (**)	1,208 (****)
Sexo: feminino	1,336 (***)	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	,809 (**)	N.S.	,732 (***)
Idade	N.S.	N.S.	1,010 (***)	,989 (***)	1,037 (****)	1,038 (****)	1,011 (***)	1,009 (***)	1,012 (***)	1,010 (***)
Conserv.	N.S.	,963 (**)	,959 (**)	,945 (***)	N.S.	N.S.	,967 (*)	N.S.	,948 (***)	,934 (****)
Partid.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	,631 (***)	1,290 (*)	,308 (****)	N.S.	,681 (***)
Interesse	N.S.	,865 (**)	1,156 (**)	1,178 (***)	N.S.	N.S.	,845 (***)	,761 (****)	,881 (**)	,890 (**)
Escolar.	N.S.	N.S.	N.S.	1,053 (****)	N.S.	1,028 (*)	N.S.	1,039 (**)	N.S.	1,035 (**)
Religio.	1,096 (**)	1,188 (****)	,924 (**)	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	1,063 (*)	N.S.	N.S.
Etnia: Brancos	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	1,324 (**)	N.S.	N.S.

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

Tabela 14: Resumo das variáveis com significância por modelo analisado para ameaça física

Preditor	G1		G2		G3		G4		G5	
	Exp (β)		Exp (β)		Exp (β)		Exp (β)		Exp (β)	
	(Sig.)		(Sig.)		(Sig.)		(Sig.)		(Sig.)	
	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.	Mód.	Neg.
Ame. Física	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	1,165 (***)	N.S.	N.S.	N.S.
Sexo: feminino	1,349 (***)	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	,798 (**)	N.S.	,753 (***)
Idade	N.S.	N.S.	1,009 (**)	,989 (***)	1,037 (****)	1,039 (****)	1,012 (***)	1,009 (**)	1,012 (****)	1,010 (***)
Conserv.	,967	,961	,956	,944	N.S.	N.S.	,969	N.S.	,943	,926

	(*)	(**)	(**)	(***)			(*)		(***)	(****)
Partid.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	,639 (***)	1,297 (*)	,312 (****)	N.S.	,723 (**)
Interesse	,906 (*)	,856 (***)	1,149 (**)	1,185 (***)	N.S.	N.S.	,847 (***)	,762 (****)	,870 (**)	,882 (**)
Escolar.	N.S.	N.S.	N.S.	1,052 (***)	N.S.	1,026 (*)	N.S.	1,038 (**)	N.S.	1,030 (**)
Religio.	1,096 (**)	1,183 (****)	,919 (**)	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	1,067 (*)	N.S.	N.S.
Etnia: Branco	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	1,323 (**)	N.S.	N.S.

Fonte: Elaboração própria.

Significância: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$, *** $p < 0.01$, e **** $p < 0.001$.

5 CONCLUSÃO

No presente trabalho, buscamos avaliar o efeito da percepção de ameaça econômica e física sobre a polarização afetiva no eleitorado brasileiro. Nossa expectativa era a de que indivíduos que se sentem ameaçados tenderiam a fortalecer seus laços identitários. Esse processo, por sua vez, estaria relacionado ao aumento do etnocentrismo e da discriminação em relação a grupos, gerando um quadro de polarização afetiva. Utilizando dados do survey realizado pelo LAPOP no país em 2017, testamos quatro hipóteses: (1) A percepção de **ameaça econômica** aumenta a **polarização afetiva** em relação aos cinco grupos analisados; (2) A percepção de **ameaça física** aumenta a **polarização afetiva** em relação aos cinco grupos analisados; (3) A percepção de **ameaça econômica** aumenta a **polarização negativa** em relação aos cinco grupos analisados; e (4) A percepção de **ameaça física** aumenta a **polarização negativa** em relação aos cinco grupos analisados. Os testes das hipóteses foram feitos utilizando regressões logísticas ordinais, dada a natureza das variáveis dependentes, e separados por grupo: (1) pessoas que são a favor da legalização do aborto; (2) pessoas que são a favor do regime militar; (3) comunistas; (4) petistas e simpatizantes do PT; e (5) psdbistas e simpatizantes do PSDB.

Os resultados mostraram que o argumento desenvolvido no presente trabalho não parece se sustentar empiricamente. Ou seja, não foi possível rejeitar as hipóteses nulas de que o aumento na percepção de ameaça do indivíduo, seja ela econômica ou física, não está relacionado a um aumento na polarização afetiva (mensurada em módulo ou como polarização negativa) em relação aos cinco grupos investigados. Como discutido no capítulo de resultados, em apenas poucos casos observamos a relação esperada, o que nos leva a crer que outros mecanismos, que não aquele que embasa nosso argumento, estão gerando esses efeitos. Dito isso, em dezoito dos vinte modelos analisados, a direção do efeito seguiu a expectativa teórica: um aumento na percepção de ameaça esteve quase sempre relacionado a um aumento na polarização afetiva entre os grupos aqui analisados, ainda que apenas em poucos casos essa relação tenha apresentado significância estatística.

Os preditores com maior poder explicativo, ou seja, que foram significantes em mais modelos, foram a idade, o interesse por política e o conservadorismo. Pudemos ver que, em geral, pessoas mais velhas estão relacionadas a atitudes mais radicais em relação aos grupos, sendo a única exceção a polarização negativa em relação ao grupo 2: são os mais jovens que rejeitam mais veementemente defensores do regime militar. Essa é a mesma tendência observada para o interesse por política: em geral, as pessoas com menor interesse em política

são as mais polarizadas. Mas isso muda para o caso do grupo 2: quanto maior o interesse em política, maior a polarização em módulo e negativa em relação a pessoas que defendem o regime militar. Por fim, o conservadorismo apresentou significância em pouco mais da metade dos modelos analisados. Dentre os modelos onde essa variável apresentou efeito significativo, em todos os casos pudemos ver que um aumento no conservadorismo esteve associado a uma redução na polarização em módulo e negativa. Isso ocorreu mesmo em modelos para o grupo 1, de pessoas que defendem a legalização do aborto, pauta liberal e comumente relacionada a partidos de esquerda. Nossas análises mostraram, além disso, que a ideologia não foi explicação suficiente, como defende parte da literatura – em sua maioria baseada no caso dos Estados Unidos (ver WEBSTER; ABRAMOWITZ, 2017; ROGOWSKI; SUTHERLAND, 2016) – para a polarização afetiva entre o eleitorado brasileiro. Esse é um achado importante e que corrobora a importância do desenvolvimento de pesquisas empíricas sobre esse fenômeno no país.

Dentre os cinco grupos investigados, dois eram referentes aos partidários e simpatizantes dos dois maiores partidos políticos do país: PT e PSDB. Vimos que a ameaça econômica esteve associada ao aumento da polarização em módulo e negativa em relação a psdbistas e simpatizantes do PSDB, enquanto a ameaça física se relacionou ao aumento da polarização em módulo em relação a petistas e simpatizantes do PT, sendo todos esses efeitos com significância estatística. Em outras palavras, o medo de ser vítima de crimes e assassinato esteve relacionado a atitudes mais radicais em relação a pessoas que defendem o PT, enquanto perspectivas negativas sobre a situação econômica individual e do país estiveram relacionadas a sentimentos mais radicais e radicalmente negativos em relação a pessoas que apoiam o PSDB. Esses resultados, por serem isolados, não corroboram nosso argumento, mas levantam perguntas para futuras agendas de pesquisa.

A escolaridade foi um preditor com significância nos modelos de polarização negativa para todos os grupos, com exceção do grupo 1 (pessoas que são a favor da legalização do aborto). Pudemos ver que, para os outros quatro grupos, em ambos os modelos de ameaça, indivíduos com maior escolaridade estiveram relacionados a níveis mais elevados de rejeição, ou afeto negativo. Sexo e etnia foram os preditores com menor capacidade explicativa dentre os controles empregados, e a religiosidade, em geral, só pôde ser relacionada à polarização em relação a pessoas que defendem a legalização do aborto (grupo 1).

Apesar do argumento da presente pesquisa não parecer se sustentar empiricamente, a interpretação desses resultados deve ser cautelosa. Através dos dados disponíveis, não foi possível testar nossas hipóteses da melhor forma. Existe uma distância entre o conceito desenvolvido na teoria e o que as variáveis utilizadas realmente capturam. Isso porque, na

ausência de variáveis que mensurassem diretamente o conceito buscado, criamos índices a partir de perguntas que se relacionavam à percepção de ameaça do indivíduo. A percepção de ameaça é um conceito de difícil mensuração através de dados secundários e não é possível estimar com precisão o quanto as limitações nessa mensuração impactam sobre os resultados do presente estudo.

Outra limitação da presente pesquisa se deve à endogeneidade das variáveis independentes, baseadas em percepção. A teoria não nos permite afirmar, de antemão, qual a direção do efeito, de modo que é difícil estimar o que está causando o quê. É possível, por exemplo, que pessoas mais polarizadas avaliem situações de risco de forma diferente. Não é possível verificar a direção causal dessa relação a partir dos dados disponíveis, dada a dificuldade em se estabelecer causalidade a partir de dados observacionais – em especial através do *survey*, onde as respostas são geralmente correlacionadas.

Em terceiro lugar, e, novamente, partindo do argumento central desta pesquisa, espera-se que a rejeição aos grupos se dê, diante de situações de ameaça, de forma irrestrita: o aumento do afeto negativo deverá ser com relação a todos os grupos dos quais os indivíduos não participem, independentemente de quão relacionados estejam à percepção de ameaça. No entanto, nossas análises não puderam levar em consideração possíveis relações factuais ou percebidas pelo indivíduo entre a ameaça e o grupo em questão. Como discutido no capítulo de dados e métodos, não podemos afirmar que as entrevistadas não culpam, por exemplo, comunistas pelos problemas econômicos individuais ou do país. Por fim, a teoria prevê que o etnocentrismo e a discriminação gerados no processo de fortalecimento dos laços identitários são direcionados, respectivamente, aos grupos dos quais os indivíduos participam e àqueles com os quais eles não se identificam. Mas os dados utilizados não permitem distinguir entre grupos dos quais os indivíduos participam ou não.

Apesar das limitações na análise empírica do nosso argumento, essa pesquisa inovou ao lançar luz sobre o caso brasileiro, em um cenário de alta polarização afetiva entre o eleitorado. Nosso estudo propiciou um entendimento inicial das características individuais relacionadas ao radicalismo nas atitudes em relação aos grupos analisados no país. Como visto na seção de estatística descritiva, no capítulo de resultados, lidamos atualmente com um quadro de grande polarização negativa no país, o que quer dizer que os indivíduos entrevistados tenderam a expressar sentimentos radicalmente negativos e de rejeição aos grupos analisados. Esses são grupos definidos politicamente e que encontram evidência no cenário político brasileiro atual. A polarização afetiva é um tema com atenção crescente entre acadêmicos porque ela se relaciona a problemas para o pluralismo na política democrática

(LEVENDUSKY, 2017), reduz a confiança no governo (HETHERINGTON; RUDOLPH, 2015; LELKES, 2016; LEVENDUSKY, 2017) e parece estar relacionada a efeitos majoritariamente negativos para o funcionamento das instituições políticas (LEVENDUSKY, 2017; MASON, 2016). Pesquisas existentes na área tenderam a limitar-se à análise do partidarismo negativo, que tem cada vez mais definido como as pessoas votam (MELÉNDEZ, 2018). Nosso trabalho, além de ser o primeiro a olhar para o caso do Brasil, é o primeiro a expandir a análise para além do partidarismo. Nosso esforço é, portanto, um passo inicial em compreender o fenômeno da polarização afetiva no país.

Teoricamente, objetivamos contribuir para a literatura de Opinião Pública ao propor uma nova abordagem, baseada na teoria da identidade social, que relaciona a percepção de ameaça do indivíduo ao radicalismo nos seus sentimentos em relação a diversos grupos, e não apenas àqueles relacionados diretamente à ameaça em questão. Futuras pesquisas que almejem aprofundar a investigação da relação entre ameaça e polarização afetiva em relação a distintos grupos no Brasil poderão (1) aperfeiçoar a mensuração do conceito de percepção de ameaça; (2) considerar a relação percebida pelo indivíduo entre a ameaça e os grupos em questão; e (3) controlar pela identificação do indivíduo com o grupo, ou seja, distinguir entre os grupos dos quais o indivíduo participa ou não. A coleta de dados primários permite que se atinjam esses objetivos. Em caso de pesquisas experimentais, é possível, além disso, avaliar a causalidade, averiguar a direção do efeito, caso exista, e testar o mecanismo causal.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWITZ, Alan; SAUNDERS, Kyle. Is Polarization a Myth? **The Journal of Politics**, v. 70, n. 2, Abril de 2008, p. 542-555.
- ABRAMOWITZ, Alan; WEBSTER, Steven. The rise of negative partisanship and the nationalization of U.S. elections in the 21st century. **Electoral Studies**, v. 41, 12-22, 2016.
- BERNHARDT, Dan; KRASA, Stefan; POLBORN, Mattias. Political polarization and the electoral effects of media bias. **Journal of Public Economics**, v. 92, 2008, p. 1092–1104.
- BRADER, Ted; VALENTINO, Nicholas; SUHAY, Elizabeth. What Triggers Public Opposition to Immigration? Anxiety, Group Cues, and Immigration Threat. **American Journal of Political Science**, v. 52, n. 4, Outubro de 2008, p. 959–978.
- BUTZ, David A.; YOGESWARAN, Kumar. A new threat in the air: Macroeconomic threat increases prejudice against Asian Americans. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 47, 2011, p. 22–27.
- CARMINES, Edward G.; ENSLEY, Michael J.; WAGNER, Michael W. Who Fits the Left-Right Divide? Partisan Polarization in the American Electorate. **American Behavioral Scientist**, v. 56, n. 12, 2012, p. 1631–1653.
- CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics (1964). **Critical Review**, v. 18, n. 1-3, 2006, p. 1-74.
- DORAN, B. J.; BURGESS, M. B. Why Is Fear of Crime a Serious Social Problem? In: **Putting Fear of Crime on the Map**, Capítulo 2. Springer Series 9 on Evidence-Based Crime Policy.
- FIORINA, Morris P.; ABRAMS, Samuel J. Political Polarization in the American Public. **Annual Review of Political Science**, v. 11, p. 563–588, 2008.
- HETHERINGTON, Mark J. Putting polarization in perspective. **British Journal of Political Science**, v. 39, n. 2, p. 413-448, 2009.
- HETHERINGTON, Mark; LONG, Meri; RUDOLPH, Thomas. Revisiting the Myth: New Evidence of a Polarized Electorate. **Public Opinion Quarterly**, v. 80, n. S1, 1, Janeiro de 2016, p. 321–350.
- HETHERINGTON, Marc J.; RUDOLPH, Thomas J. **Why Washington Won't Work: Polarization, Political Trust, and the Governing Crisis**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- HILL; TAUSANOVITCH, 2016 A disconnect in representation? Comparison of trends in congressional and public polarization. **The Journal of Politics**, v. 77, n. 4, p. 1058-1075.
- HUDDY, Leonie; FELDMAN, Stanley; TABER, Charles; LAHAV, Gallya. Threat, Anxiety, and Support of Antiterrorism Policies. **American Journal of Political Science**, v. 49, n. 3, Julho de 2005, p. 593–608.

HUDDY, Leonie; MASON, Lilliana; AAROE, Lene. Expressive Partisanship: Campaign Involvement, Political Emotion, and Partisan Identity. **American Political Science Review**, v. 109, n. 1, Fevereiro de 2015.

IYENGAR, Shanto; SOOD, Gaurav; LELKES, Yphtach. Affect, Not Ideology: A Social Identity Perspective on Polarization. **Public Opinion Quarterly**, v. 76, n. 3, Janeiro de 2012, p. 405–431.

IYENGAR, Shanto; WESTWOOD, Sean J. Fear and loathing across party lines: new evidence on group polarization. **American Journal of Political Science**, v. 59, n. 3, julho de 2015, p. 690-707.

JACOBSON, G. C. The electoral origins of polarized politics: Evidence from the 2010 cooperative congressional election study. **American Behavioral Scientist**, v. 56, n. 12, p. 1612-1630.

JAMIELSON, Susan. Likert scales: how to (ab)use them. **Medical Education**, v. 38, 2004, p. 1212–1218.

LAU, Richard R.; ANDERSEN, David J.; DITONTO, Tessa M.; KLEINBERG, Mona S.; REDLAWSK, David P. Effect of media environment diversity and advertising tone on information search, selective exposure, and affective polarization. **Political Behavior**, publicado online em 28 de julho de 2016.

LELKES, Y. Mass polarization: Manifestations and measurements. **Public Opinion Quarterly**, v. 80, n. S1, 2016, p. 392-410.

LEVENDUSKY, Matthew S. Americans, Not Partisans: Can Priming American National Identity Reduce Affective Polarization? **The Journal of Politics**, v. 80, n. 1, 2017.

LEVENDUSKY, Matthew; MALHOTRA, Neil. Does Media Coverage of Partisan Polarization Affect Political Attitudes? **Political Communication**, v. 00, p. 1–19, 2015.

MASON, Lilliana. A cross-cutting calm: how social sorting drives affective polarization. **Public Opinion Quarterly**, v. 80, Special Issue, 2016, p. 351-377.

MELÉNDEZ, Carlos. **Petismo e antipetismo**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/petismo-e-antipetismo/>. Acessado em 18 de junho de 2018.

MOSKALENKO, Sophia; MCCAULEY, Clark; ROZIN, Paul. Group Identification under Conditions of Threat: College Students' Attachment to Country, Family, Ethnicity, Religion, and University Before and After September 11, 2001. **Political Psychology**, v. 27, n. 1, 2006.

NAIL, Paul R.; MCGREGOR, Ian; DRINKWATER, April E.; STEELE, Garrett M.; THOMPSON, Anthony W. Threat causes liberals to think like conservatives. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 45, 2009, p. 901–907.

ROGOWSKI, Jon C.; SUTHERLAND, Joseph L. How ideology fuels affective polarization. **Political Behavior**, v. 38, 2016, p. 485-508.

SNIDERMAN, Paul; HAGENDOORN, Louk; PRIOR, Markus. Predisposing Factors and Situational Triggers: Exclusionary Reactions to Immigrant Minorities. **American Political Science Review**, v. 98, n. 1, 2004.

TAJFEL, Henri; TURNER, J. C. An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey, California: Brooks/Cole Pub. Co, 1979, p. 33-47.

WEBSTER, Steven W.; ABRAMOWITZ, Alan I. The ideological foundations of affective polarization in the U.S. electorate. **American Politics Research**, 2017, p. 1-27.

WHITMARSH, Lorraine. Are flood victims more concerned about climate change than other people? The role of direct experience in risk perception and behavioural response. **Journal of Risk Research**, v. 11, n. 3, p. 351-374, 2008.

ZÁRATE, Michael A.; GARCIA, Berenice; GARZA, Azenett A.; HITLAN, Robert T. Cultural threat and perceived realistic group conflict as dual predictors of prejudice. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 40, 2004, p. 99–105.

ANEXO A - Quadro I: Perguntas utilizadas na análise preliminar de correlação

SOCT2. O(A) sr./sra. considera que a situação econômica atual do país está melhor, igual, ou pior que há doze meses? (1) Melhor (2) Igual (3) Pior
IDIO2. O(A) sr./sra. acha que sua atual situação econômica está melhor, igual ou pior que a de há doze meses? (1) Melhor (2) Igual (3) Pior
Q10E. Nos últimos dois anos, o salário ou renda de sua casa: (1) Aumentou? (2) Ficou igual? (3) Diminuiu?
IT1. Agora, falando das pessoas daqui, o(a) sr./sra. diria que as pessoas daqui são muito confiáveis, algo confiáveis, pouco confiáveis, nada confiáveis? (1) Muito confiáveis (2) Algo confiáveis (3) Pouco confiáveis (4) Nada confiáveis
VIC1EXT. Agora mudando de assunto, o(a) sr./sra. foi vítima de algum tipo de crime nos últimos doze meses? Ou seja, você foi vítima de agressão física, assalto, roubo, sequestro relâmpago, fraude, chantagem, extorsão, ameaças violentas ou qualquer outro tipo de crime nos últimos doze meses? (1) Sim (2) Não
AOJ11. Falando do lugar ou bairro onde o(a) sr./sra. vive, e pensando na possibilidade de ser vítima de um assalto ou roubo, o(a) sr./sra. se sente muito seguro(a), pouco seguro(a), pouco inseguro(a) ou muito inseguro(a)? (1) Muito seguro(a) (2) Pouco seguro(a) (3) Pouco inseguro(a) (4) Muito inseguro(a)
Com base no que o(a) sr./sra. viveu ou ouviu falar: VICBAR7. Ocorreram assassinatos no lugar ou bairro onde o(a) sr./sra. vive nos últimos 12 meses? (1) Sim (2) Não
FEAR11. Pensando na sua vida diária, quanto medo o(a) sr(a) sente de ser vítima de homicídio? O(a) sr./sra. sente muito medo, algum medo, pouco medo, ou nenhum medo? (1) Muito medo (2) Algum medo (3) Pouco medo (4) Nenhum medo

ANEXO B - Tabela I: Correlações entre as perguntas do Quadro 3

		SOCT2	IDIO2	IT1	VIC1EXTA	AOJ11	VICBAR7F	Q10E	MFEAR11
SOCT2	Correlação de Pearson	1	,287**	,120**	,037	,094**	-,035	,069**	,095**
	Sig. (2 ext)		,000	,000	,480	,000	,266	,007	,000
	N	1523	1522	1491	362	1520	990	1518	1522
IDIO2	Correlação de Pearson	,287**	1	,128**	-,056	,124**	-,052	,286**	,103**
	Sig. (2 ext)	,000		,000	,285	,000	,102	,000	,000
	N	1522	1529	1497	363	1526	992	1524	1528
IT1	Correlação de Pearson	,120**	,128**	1	,035	,208**	-,115**	,075**	,102**
	Sig. (2 ext)	,000	,000		,511	,000	,000	,004	,000
	N	1491	1497	1500	358	1498	979	1495	1499
VIC1EXTA	Correlação de Pearson	,037	-,056	,035	1	,000	-,056	,094	,004
	Sig. (2 ext)	,480	,285	,511		,997	,336	,073	,946
	N	362	363	358	364	364	296	364	364
AOJ11	Correlação de Pearson	,094**	,124**	,208**	,000	1	-,141**	,048	,306**
	Sig. (2 ext)	,000	,000	,000	,997		,000	,059	,000
	N	1520	1526	1498	364	1529	993	1524	1528
VIC1BAR7F	Correlação de Pearson	-,035	-,052	,115**	-,056	-,141**	1	,115**	-,202**
	Sig. (2 ext)	,266	,102	,000	,336	,000		,000	,000
	N	990	992	979	296	993	995	992	995
Q10E	Correlação de Pearson	,069**	,286**	,075**	,094	,048	-,115**	1	,087**
	Sig. (2 ext)	,007	,000	,004	,073	,059	,000		,001
	N	1518	1524	1495	364	1524	992	1527	1526

MFEAR11	Correlação de Pearson	,095**	,103**	,102**	,004	,306**	-,202**	,087**	1
	Sig. (2 ext)	,000	,000	,000	,946	,000	,000	,001	
	N	1522	1528	1499	364	1528	995	1526	1531

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Quadro II: Análises fatoriais para a dimensão econômica

	SOCT2 + IDIO2	Q10E + IDIO2
Nível de mensuração	Variáveis discretas	
Amostra	1532 casos	
Correlação	0,287	0,286
KMO	0,500 / p-valor < 0,01	0,500 / p-valor < 0,01
Comunalidades	0,643	0,643
Variância total explicada	64,343%	64,284%
Coeficientes componente	0,802	0,802

Quadro III: Controles e perguntas utilizadas.

Sexo	Q1. [anote sem perguntar] Sexo: (1) Homem (2) Mulher
Idade	Q2. Quantos anos o(a) sr./sra. tem? _____ anos
Ideologia	L1. Agora, para mudar de assunto. Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa “esquerda” e o 10 significa “direita”. Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos “esquerda” e “direita” têm para o(a) sr./sra, onde o(a) sr./sra. se situa nesta escala?
Partidarismo	VB10. Atualmente o(a) sr./sra. simpatiza com algum partido político? (1) Sim (2) Não
Interesse por política	POL1. O quanto o(a) sr./sra. se interessa por política: muito, algo, pouco ou nada?

	(1) Muito (2) Algo (3) Pouco (4) Nada
Escolaridade	ED. Qual foi o último ano de escola que o(a) sr./sra. terminou? ____ Ano do _____ (primário, secundário, universidade, superior não-universitário) = _____ total de anos [Usar tabela abaixo para código] (0) - 0 Nenhum (1) 1 ano 1º ano do primário (2º ano no sistema novo) (2) 2 anos 2º ano do primário (3º ano no sistema novo) (3) 3 anos 3º ano do primário (4º ano no sistema novo) (4) 4 anos 4º ano do primário (5º ano no sistema novo) (5) 5 anos 5º ano do primário (6º ano no sistema novo) (6) 6 anos 6º ano do primário (7º ano no sistema novo) (7) 7 anos 7º ano do primário (8º ano no sistema novo) (8) 8 anos 8º ano do primário (9º ano no sistema novo) (9) 9 anos 1º ano do secundário (10) 10 anos 2º ano do secundário (11) 11 anos 3º ano do secundário (12) 12 anos 1º ano da universidade /superior não universitário (13) 13 anos 2º ano da universidade /superior não universitário (14) 14 anos 3º ano da universidade /superior não universitário (15) 15 anos 4º ano da universidade /superior não universitário (16) 16 anos 5º ano da universidade (17) 17 anos 6º ano da universidade ou mais
Religiosidade	Q5A. Com que frequência o(a) sr./sra. vai à missa ou culto religioso? (1) Mais de uma vez por semana (2) Uma vez por semana (3) Uma vez por mês (4) Uma ou duas vezes por ano (5) Nunca ou Quase Nunca
Etnia	ETID. O(A) sr./sra. se considera uma pessoa branca, negra, parda, indígena ou amarela? (1) Branca (3) Indígena (4) Negro (Preta) (5) Pardo (1506) Amarela (7) Outra